

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CAMPUS DE CURITIBA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA**

ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE

**AS HISTÓRIAS COMO RECURSO NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NO
ENVELHECIMENTO**

CURITIBA

2010

ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE

**AS HISTÓRIAS COMO RECURSO NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NO
ENVELHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dra. Jussara Janowski

CURITIBA

2010

ELIZABETE APARECIDA BRAGATTO ABATE

**AS HISTÓRIAS COMO RECURSO NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NO
ENVELHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Jussara Maria Janowski Carvalho
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof. Me. Juliano Maluf Amui
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof^a. Ma. Rudinalva Alves Silveira
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Curitiba, 16 de outubro de 2010

Dedico este trabalho a todas as
pessoas que compartilham comigo
as imagens do envelhecimento e
em especial àqueles que mais amo.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora pela compreensão, atenção e incentivo pelo meu tema, que com respeito compartilhou sua sabedoria para a realização deste trabalho.

Aos meus amigos de sala, que com carinho e respeito acolheram minhas ideias e contribuíram com reflexões pessoais, favorecendo discussões produtivas e enriquecedoras, dividindo momentos de alegria e inquietações!

Aos professores, pelos ensinamentos, paciência, sabedoria e inspiração.

À minha família, por todo amor e compreensão. Por me ensinarem a ter respeito e atenção com os que envelhecem.

Ao meu marido, sempre presente, meu maior incentivador e companheiro de todas as horas: pelo amor e carinho.

Ao meu filho Renan que me ensina todos os dias a ser uma pessoa melhor.

A Gina, minha amiga e grande incentivadora, por ler meus escritos com carinho, contribuindo com seu conhecimento e experiência.

Aos idosos que participam do grupo de contação de histórias com carinho, compartilhando seus medos, inseguranças e alegrias, sem os quais este trabalho não seria possível.

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre o como as imagens arquetípicas contidas nas histórias, contos e mitos atuam na psique durante o processo de envelhecimento, resignificando conteúdos adormecidos e auxiliando no processo de individuação. Durante o envelhecimento o indivíduo percorre um difícil caminho de aceitação das perdas físicas, emocionais e neurológicas que vão ocorrendo naturalmente, mas que provocam muitas inquietações e sofrimento psíquico, sendo ainda mais agravadas quando acometido por doenças degenerativas. Antes da velhice, existe um período de transição que Jung chamou de metanóia, para descrever o resultado da crise pessoal da meia idade, denominando este período como um momento de profunda transformação. Após o meio da vida enfrentamos ainda a velhice e a confrontação com os medos e inseguranças relacionadas a finitude. Nessa fase é importante haver um recolhimento a fim de respeitar e cuidar da psique, esperando a manifestação de uma solução criativa e individual para encontrar-se com o Si-mesmo. Apesar das perdas que ocorrem durante o envelhecimento, a psique continua se alimentando das imagens contidas nas histórias, despertadas pelo contexto mítico e arquetípico, sendo facilitadoras no processo de confrontação com os arquétipos presentes nesse período, fazendo diferença na transição entre o “viver” e o “morrer”, bem como auxiliando no processo de individuação.

Palavras Chave: Envelhecimento, histórias, imagens arquetípicas, individuação.

ABSTRACT

This work is a study on how the archetypal images contained in stories, tales and myths operate in the psyche during aging process, content reframing dormant and assisting in the process of individuation. During aging the individual goes through a difficult road to acceptance of losses physical, emotional and neurological disorders that occur naturally, but they cause so much unrest and psychological distress, and even more aggravated when affected by degenerative diseases. Before old age, there is a transition period that Jung called metanoia, to describe the result of the personal crisis of middle age, calling this period as a time of profound transformation. After middle life and old age also face confrontation with the fears and uncertainties related to finitude. At this stage it is important to have a gathering to meet and care for the psyche, waiting for the manifestation of an individual and creative solution to meet the self. Despite the losses that occur during aging, the psyche is still feeding the images contained in the stories, aroused by the mythical and archetypal context, and facilitating the process of encountering the archetypes present in this period, making a difference in the transition from "live" and "die" as well as assisting in the process of individuation.

Keywords: Aging, stories, archetypal images, individuation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 NARRATIVA ORAL.....	14
2 O ENVELHECER	19
3 ARQUÉTIPOS E JORNADA DA ALMA	27
4 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NA SEGUNDA METADE DA VIDA.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS.....	43

INTRODUÇÃO

Contos de fadas são mais do que a verdade.
Não porque eles nos dizem que dragões existem,
mas porque eles nos dizem que dragões
podem ser derrotados.
Neil Gaiman

Desde que iniciei o trabalho voluntário como contadora de histórias em um asilo (Centro dia), venho observando que as imagens trazidas pelas histórias favorecem o aprofundamento da psique. Muitos dos idosos trazem lembranças da infância, pequenos detalhes que estavam ali adormecidos, mas que emergem rapidamente a partir das imagens ali contidas nas histórias contadas. Parece que há uma comunicação muito profunda entre o meu contador interno e os ouvintes, como se a alma de ambos estivesse ali presente, absorvendo aquelas imagens, saboreando algo do divino, dos deuses, do sagrado, considerando os aspectos arquetípicos.

Poucos idosos fazem comentários, relacionando a vida pessoal, mas a maioria apenas ouve, sem nada dizer, porque parece que, realmente, nada precisa ser dito, mas somente sentido. O olhar profundo e penetrante revela a conexão da alma com os aspectos arquetípicos através das imagens. Eu, como contadora, também vivencio uma sensação de algo, difícil de explicar. As imagens fluem e se traduzem em palavras e ali consigo transportar para o momento imagens, sensações, emoções e contato, principalmente, uma relação de troca de energia, arquétipos que se manifestam através dos complexos constelados. É muito claro observar os arquétipos que ali aparecem: Self, herói, velho sábio, morte, redenção, entre outros, como se fosse uma colcha de retalhos que vamos costurando ao longo da história.

Essa percepção me despertou o interesse em realizar uma pesquisa de aprofundamento com relação às imagens contidas nas histórias e no que influenciam no processo de individuação dos idosos.

No primeiro capítulo exploro o ato de contar e ouvir história; como se manteve e desenvolveu ao longo dos séculos essa arte milenar que traz em seu bojo aspectos arquetípicos que pertence a toda a humanidade.

Podemos ter um acesso indireto às imagens arquetípicas por meio dos sonhos, dos atos falhos, lapsos, estados de humor, esquecer e lembrar, hábitos, projeções, produções artísticas e também através das histórias.

Desta forma, as imagens arquetípicas desconhecidas que brotam da mente consciente da pessoa que ouve a história poderá abrir uma importante comunicação com a natureza mais profunda da psique e fornecer, também, uma perspectiva saudável para os dramas pessoais cotidianos.

Para compreender o efeito das imagens na psique, no segundo capítulo a pesquisa busca um aprofundamento na psicologia arquetípica, trazendo alguns arquétipos que são observados nas histórias comentadas pelos idosos.

A psicologia arquetípica mergulha na busca das imagens contidas na psique oriunda da ancestralidade e também de experiências pessoais desde a nossa existência. As imagens se tornam arquetípicas quando várias pessoas atribuem a elas um mesmo significado, ao longo dos tempos, tornando-se um sistema simbólico, freqüentemente, descrito no conto tradicional, nos contos de fada, nos mitos ou sistema religioso.

Na sequência faço um estudo a respeito do limiar da meia idade e os anos que se somam posteriormente, analisando todo o processo de envelhecimento. Busco um entendimento das perdas neurológicas, físicas, emocionais e sociais que são naturais no envelhecer, bem como as perdas sofridas por doenças degenerativas que levam o idoso a uma total dependência de outros.

A população de idosos com os quais trabalho é na sua maioria portadores de Alzheimer, ou seja, muitos já estão desconectados com o mundo real, o que pode favorecer a presença ainda mais completa da alma, alimentando-se de imagens e reforçando o fio condutor entre o consciente e o inconsciente, fazendo diferença na transição entre o “viver” e o “morrer”.

No terceiro capítulo faço um apanhado teórico sobre o arquétipo; é nele que se origina a vida psíquica estando presente em toda cultura e forma de atividade humana. Dessa forma, o arquétipo tem energia, afetividade, emoção, ou seja, um quantum de energia que está em movimento.

Hillman (1992, p.10) nos diz que a natureza fundamental dos arquétipos só é acessível à imaginação e apresenta-se como imagem, ou seja, a psicologia arquetípica volta-se para o trabalho com a imaginação com a espontaneidade da psique de criar imagens.

As imagens se manifestam ainda mais quando há um rebaixamento da consciência, através do sono, cansaço, drogas, remédios, doenças..., sendo assim o paciente no processo de envelhecimento pode absorver imagens e estas continuam

atuando na psique no sentido de resignificar complexos constelados.

No último capítulo procuro me aprofundar no processo de individuação, fazendo relações com o envelhecer, utilizando depoimentos colhidos durante o trabalho como contadora de histórias.

O sintoma também revela algo, por ser uma imagem, a doença, o luto e outros sintomas são uma forma de trabalhar a psique. A psique ou alma como nomeia Hillman (1992, p.9) é uma experiência, um sentido e se expressa através do símbolo, sendo este paradoxal, mas também coletivo, associa questões pessoais e coletivas, nesse aprofundamento de eventos em experiências, podemos manter uma relação com a morte, à morte do eu, um desligamento.

A imaginação ativa favorece a comunicação da consciência com a imagem, o fantasiar é um a priori, um composto de várias imagens e a imaginação dá o movimento, favorecendo com que toda a experiência se torne possível, havendo muitos resultados.

Considerando que Hillman (1992, p. 15) diz que a alma volta-se sempre para as mesmas feridas, e que ela insiste nas mesmas figuras e emoções, vemos os mesmos temas nos sonhos por muitos e muitos anos, essa repetição é uma tentativa de aprofundamento, para tentar extrair dessas feridas novos significados e assim nos tornarmos aquilo que somos.

Assim as histórias também vão possibilitando que o arquétipo vá se tornando imagem e, conseqüentemente, psíquico. O ato de contar e ouvir histórias é uma forma de evocar a imaginação, entrar em contato com as feridas, trabalhando as questões do “como viver” e do “como morrer”.

O ato de contar histórias busca uma aproximação do outro e provoca nele a autocompreensão, relacionando a história pessoal e à história da alma ao mito central da vida do paciente, possibilitando que a psique se torne mais criativa e profunda e que o ego seja capaz de conduzir grande parte da consciência do ouvinte mesmo durante os períodos de declínio.

O adormecer durante a história favorece com que a presença da psique esteja ainda mais presente, como principal expectadora e convidada. Saborear as histórias é também trabalhar o curador interno do contador e de cada ouvinte, a psique de cada um será a responsável por organizar e trazer para o consciente o que for necessário e descartar o que não for possível naquele momento.

Como diz Jung, a individuação ocorre em qualquer estado da psique, quer

uma pessoa esteja consciente ou inconsciente, ainda que seja mais facilitada quando o ego, consciente e intencionalmente, observa os movimentos da psique, assume uma atitude em relação a eles e participa de forma responsável na evolução da psique como um todo.

A individuação por ser um processo dinâmico; envolve uma mudança constante e finalmente leva à aceitação da finitude da vida e a inevitabilidade da morte.

1 NARRATIVA ORAL

Aparentemente, há algo nessas imagens iniciatórias tão necessário à psique que se elas não são supridas a partir de uma fonte exterior, pelo mito e o ritual, serão anunciadas continuamente pelo interior.
Joseph Campbell

O conhecimento milenar dos contos de fadas, revela verdadeiros tesouros da sabedoria humana, sendo transmitido através da tradição oral, de boca em boca, resgatando-se as observações e o pensamento de muitas gerações. Ao longo do tempo as histórias foram se eternizando, deixando rastros, vivências e aprendizados para todas as gerações, revelando importantes considerações acerca da psicologia humana.

A palavra tem o poder de criar e destruir. Através de imagens, ela percorre a intimidade dos pensamentos e emoções do narrador, habitando sua alma antes de ser proferida e conduzida às almas dos ouvintes que apreendem as imagens de acordo com suas vivências e conteúdos internos.

A imagem nascida da palavra proferida é a linguagem universal que une os povos, não de forma racional, mas através do coração, por um fio condutor, dos sentimentos de fraternidade contidos nos contos e mitos que pertencem à história, fortalecendo e protegendo a psique.

As histórias nos mostram como é que processamos os conflitos da infância, da adolescência, os grandes problemas da existência, e como a sabedoria popular resolve seus conflitos, de maneira muito próxima daquela que as grandes religiões do mundo propõem, principalmente, os grandes místicos ou sábios filósofos. É como um quadro que você descobre, olha, contempla e que pouco a pouco vai se impondo, vai enfeitando, por assim dizer. Há como um encantamento que vem de sua linguagem mágica.
(BONAVENTURE, 1992, p.12)

A história contada, e não lida, favorece uma relação de intimidade e uma percepção de como os ouvintes estão vivenciando o momento, todas as situações do conto podem ser recuperadas e revividas pela nossa imaginação através da criação de imagens que são individuais, considerando as vivências internas e externas de cada um.

O objetivo da narração de histórias é oferecer uma oportunidade ao ouvinte de desenvolver seu mundo interior, ou seja, a percorrer suas lembranças pessoais e dar um novo significado, sendo favorecido pelos ensinamentos arquetípicos contidos no conto. As narrativas orais proporcionam inúmeras imagens que abrem a visão e

possibilitam o despertar da criatividade e a possibilidade de solucionar conflitos e dificuldades pessoais e coletivas.

Bonaventure (1992, p.9) afirma que “as histórias falam da realidade do ser humano, de sua busca, de seus traumas e dificuldades ao lidar com os pais e filhos, do desejo de ser herói, dos monstros que ele às vezes sente que tem de combater durante a vida”.

Dessa forma, as histórias expressam e corporificam o simbólico, dando possibilidades para desenvolver, fortalecer e cultivar a memória, mas principalmente, a capacidade de representar, de forma seqüencial, imagens arquetípicas e conceituais que são a base para o processo de individuação.

Para Bussato (2008, p.17) “o conto de tradição oral, seja ele conto de fada, mito, lenda, fábula, ou conto de ensinamento, encanta por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior.”

As imagens que surgem a partir da narrativa são absorvidas pela alma de cada ouvinte que se apropria de forma única; o imaginário de cada um constrói a sua própria história, ou seja, uma história é dada, com algumas imagens sugeridas, mas cada um vai se apropriar, a seu modo dessa história, que se tornará a sua história, de acordo com os referenciais e significados individuais. As imagens arquetípicas que permeiam o conto poderão ativar diferentes afetos, possibilitando um colorido e uma musicalidade única de acordo com o estado de ânimo de cada um. As imagens míticas desvelam, em linguagem simbólica, as estruturas mentais primitivas que permanecem inibidas ou desconhecidas na psique do homem moderno.

A imaginação é a atividade reprodutora ou criativa do espírito em geral, sem ser uma faculdade especial, pois se reflete em todas as formas básicas da vida psíquica: pensar, sentir, sensibilizar e intuir. Para mim, a fantasia como atividade imaginativa é mera expressão direta da atividade psíquica, da energia psíquica que só é dada à consciência sob a forma de imagens ou conteúdos. O fantasiar enquanto atividade imaginativa é idêntica ao fluir do processo psíquico de energia (JUNG,C.G. 2009, p. 810).

As formas narrativas possibilitam refletir sobre a vida e a morte, sobre as relações humanas, sobre as relações do homem com a natureza e com o divino, experiências estas que podem trazer um novo sabor para o vivido.

As histórias têm o poder de guardar e transmitir imagens arquetípicas valiosas, conteúdos relativos à evolução da psique do ser humano, sendo capazes de promover o desenvolvimento e a cura, pois são dotadas de força e poder para

criar o novo, reconstruir os conteúdos danificados e restabelecer o equilíbrio.

Bruno Bettelheim (1980:20 apud. BUSATTO, 2008, p.15) “afirma o poder regenerador dos contos de fadas que, por conterem na sua estrutura elementos simbólicos, criam uma ponte com o inconsciente, integrando os conteúdos arquetípicos, propiciando ao ouvinte conforto e consolo em termos emocionais”.

Escutar a narração de histórias possibilita viver neste tempo, outro tempo, como se fosse uma experiência onírica, atualizando as vivências que se perderam no tempo, trazendo novas possibilidades para elaborar as inquietações. Oferece ao ouvinte uma herança arquetípica da humanidade, um tesouro de poderes imaginativos que está vivo dentro de cada um e que ressurgem magicamente a partir da conexão do consciente com o inconsciente; resgata a cultura e a própria história, podendo construir um novo olhar para as situações vividas e estruturar um vínculo significativo entre as pessoas.

Para Mellon (2006, p.13) “despertar as imagens que se encontram adormecidas, mas que ainda podem ser encontradas na parte de nossa imaginação onde essas histórias repousam é tornar a vida mais plena e radiante”.

Viver na plenitude não quer dizer que desapareceram os conflitos, as contradições interiores, as dúvidas, mas que estamos dispostos a enfrentar a vida e os desafios, visando o desenvolvimento da psique com o objetivo da individuação, objetivo este que deve ser entendido como um processo contínuo, e não como um fim ao qual se pretende chegar.

A cultura oriental considera que no conto oral contém conhecimento e idéias de um povo, e que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores e até curar doenças. Eles acreditavam no poder curativo do conto, e em muitas situações o remédio indicado era ouvir um conto e meditar sobre ele. Neste caso o conto funcionava como um reestruturador do desequilíbrio emocional que provocou o distúrbio físico. Aqui o conto adquire um caráter terapêutico, encanta curando. (BUSATTO, 2008, pg.17)

Como nos diz Bonaventure (1992, p. 20) “...quando conseguimos nomear nossas dificuldades, graças à nossa identificação com certos contos acontece um alívio....”, observamos que em poucas imagens trazidas através do conto, conseguimos resignificar a essência de anos de experiências e conflitos. As histórias permitem que se acrescente às suas imagens a nossas próprias imagens e histórias pessoais, trazendo um grande alívio para a alma e contribuindo para a nossa plenitude, como se fosse mais um tijolinho a ser recolocado na grande restauração da psique, mas agora com conhecimento e sabedoria.

Criar e narrar história é, antes de tudo, ajudar a guiar e a transformar a vida das pessoas. Porque de um simples conto pode brotar o estímulo necessário para desencadear uma mudança. Num mundo que privilegia o ter em detrimento do ser, valorizar o poder das narrativas surgidas do imaginário popular é como construir uma ponte para o mundo criativo, de onde saem todos os sonhos para um dia, quem sabe, se tornarem realidade. (MELLON, 2006, p.248)

Um ambiente tranquilo e acolhedor favorecem que a história seja internalizada e vivida com maior intensidade, sendo o ouvinte responsável por imaginar as características psicológicas dos personagens, seus pensamentos e/ ou sentimentos, pois apesar de serem mencionados alguns detalhes para favorecer a imaginação, um príncipe nunca será igual ao outro, o rei terá vestes e fisionomias que diferem, o castelo, as bruxas e as fadas não serão as mesmas, pois cada ouvinte deposita nesse enredo suas próprias vivências, suas sombras, seus conflitos, enfim sua alma. A história é a mesma mas as imagens não, ou seja, através das histórias e das imagens que surgem há um sentido a ser criado, de forma singular e única. Além disso, o inconsciente de cada um captura e é capturado pela história. O objetivo desse processo heróico é a auto-identidade ou individuação, um objetivo mítico.

O inconsciente é um mundo cheio de mistérios e riquezas que merecem ser encontrados e desvendados, pelo menos em parte. Claro que o mistério de nosso ser, o que se passa dentro de nós vai em parte permanecer desconhecido até o fim da vida. (BONAVENTURE, 1992, p.21)

Os mistérios e as respostas sobre a essência de nossa vida estão adormecidos dentro de cada um de nós, mas só conseguiremos tocá-los quando nos sentirmos seguros e com coragem. Desta forma, é preciso encontrar uma oportunidade para se fazer um contato com o si-mesmo e as histórias podem servir de ponte de ligação entre o consciente e o inconsciente, só assim poderemos responder as grandes questões da humanidade e que também são as nossas individuais “quem somos, de onde viemos e para onde vamos”, mas isto só será possível através do recolhimento e da análise de nossas próprias possibilidades e limitações, ninguém poderá responder por nós.

Similares aos contos de fada, cheios de imagens e símbolos são os nossos sonhos e nossas fantasias, que nos parecem tão misteriosos e tão impenetráveis quanto as florestas que muitos heróis têm de atravessar. O herói em processo de busca é nossa psique cultural e coletiva, nos limites do conhecimento e da vida. O herói traz conteúdos míticos que podem nos dizer não apenas sobre quem e o que

são as culturas, mas sobre quem e o que somos como espécie.

Individual e culturalmente, e também como espécie, perguntamo-nos sobre nossas origens, sobre a importância de nosso momento atual, e pensamos continuamente no futuro. Temos sempre consciência do caráter de jornada de nossa vida. É por isso que os adultos sempre contaram histórias às crianças para descrever essa jornada, e os líderes também as contam a seus povos pela mesma razão. (LEEMING, 2004, p.149)

As imagens de nossos sonhos, de nossas fantasias, dos contos, são como um diamante que poderemos contemplar infinitamente, mas que vai se lapidando e tornando-se cada vez mais raro e precioso. Temas e imagens recorrentes surgem prontamente, servindo de chave ao simbolismo, favorecendo uma vivência muito individual e que pode variar de acordo com as possibilidades da psique.

Os contos, os mitos, as fábulas, as lendas e as parábolas têm o poder de atrair e encantar os ouvintes por sua magia, suspense, drama e emoção, bem como dialogam diretamente com as imagens arquetípicas adormecidas dentro de nós.

Estão também, metaforicamente, descritos neles as angústias e aflições de todas as fases da vida, desde a infância até a fase madura, aliando aspectos da inocência infantil à profunda apreciação psicológica da velhice, congregando o princípio e o fim da existência humana de forma suave e com encantamento a fim de facilitar os momentos de transição e contribuir para o processo de individuação, algo que vai se desenvolvendo infinitamente do início ao fim da vida, assim como o percurso percorrido pelo herói.

A humanidade sempre teve em abundância imagens poderosas que a protegiam magicamente contra as coisas abismais da alma, assustadoramente vivas. As figuras do inconsciente sempre foram expressas através de imagens protetoras e curativas, e assim expelidas da psique para o espaço cósmico. (JUNG, 2000, p.23)

Todos os contos possuem, basicamente, o mesmo intuito: o de formar e enriquecer o “Self” do ser humano através da irradiação de energias simbólicas que nutrem o pensamento inconsciente, tanto individual quanto coletivo.

2 O ENVELHECER

Nascer é uma possibilidade.
Viver é um risco.
Envelhecer é um privilégio.
Transformar depende da vontade de realizar
e é de nossa total responsabilidade.
(Madre Tereza)

Há muitos anos, por volta da década de 20, a expectativa média de vida da população no Brasil era de 40 anos. Desde então, a ciência não se cansa de buscar formas de prolongar a vida. A tecnologia se desenvolve rapidamente e, o que parecia impossível, hoje faz parte da realidade. A ciência de modo geral, e em especial, a medicina consegue verdadeiros milagres que antes nem ao menos imaginávamos que seria possível.

Com os avanços no campo da ciência em prol da vida e com muitos estudos que não cessam, principalmente, aliados a uma melhoria na qualidade da alimentação e uma compreensão de que a atividade física é imprescindível para o bom funcionamento do organismo a expectativa de vida cresce a cada ano. A medicina estética caminha paralelamente e atinge grandes conquistas nas possibilidades para retardar o envelhecimento. A beleza da tenra idade é prolongada até o envelhecer sempre com o desejo de conquistar a eternidade.

Porém, qual o significado e o objetivo de viver tantos anos? Como seria a vida, se esta não tivesse fim? Que expectativa teria? E a vida psíquica como se organizaria diante do eterno?

Penso que não dá para falar sobre a velhice e a última fase da vida que entendo ser entre os sessenta e cinco e os 70 anos, bem como as implicações que ocorrem em função das perdas neurológicas e as doenças degenerativas comuns nessa fase, sem antes mencionar aspectos significativos que acontecem antes, no meio da vida, numa idade intermediária entre a idade adulta e a velhice, aspectos estes que serão determinantes no futuro.

Nos anos entre a meia-idade e a velhice, aquela época da vida em que não estamos mais na flor da idade, mas ainda não ficamos efetivamente velhos, quase todos passamos por uma transição. Tanto o corpo quanto a alma encontra-se no limiar da idade. Entre os cinquenta e os setenta anos somos chamados a passar por uma profunda transformação. A vida muda radicalmente, acontece, e nós também; física, psicológica, mental e espiritualmente. Este fato, ao que tudo indica, é ao mesmo tempo nossa esperança e nosso medo. (PRÉTAT, 1997, p.9).

C.G.Jung (1956, apud PRÉTAT, 1997, p.10) utilizou o termo metanóia, para descrever o resultado dessa crise pessoal da meia idade, entre os 40 e 55 anos, denominando este período como um momento de profunda transformação de atitude que pode resultar de um período de crise, nos quais os caminhos podem conduzir a uma crescente privação. Nesse momento é importante respeitarmos e cuidarmos da psique, esperando a manifestação de uma solução criativa e individual.

Murray (2007, p.35) refere-se a essa fase como “limiar da meia idade, reforça que há um grau elevado de vulnerabilidade com relação às questões emocionais vindas de dentro ou de fora, ocasionando constante mudança de humor, pensamentos e imagens que brotam do inconsciente favorecendo a instabilidade da autoconfiança”.

A transição do meio da vida tem dimensões bem mais profundas e complexas do que a mera perda da beleza e da atração da juventude, por mais importantes que elas possam parecer. Definir este período da vida como um momento de buscar soluções cosméticas, denota uma forma rasa e transparente de defesa contra as ansiedades bem mais profundas que ele provoca. (MURRAY, 2007, p. 37)

A dificuldade nesta fase de transição está relacionada a uma mudança singular que se processa nas profundezas da alma, não podemos seguir acreditando que tudo continuará como antes, que a forma encontrada para viver e na qual o individuo se acomoda pode ser também o caminho que deve ser percorrido ao envelhecer. Por isso a necessidade de um retraimento para encontrarmos nossas próprias verdades e desejos, agora sem a máscara (persona) utilizada ao longo da vida; temos a responsabilidade de reconhecermos os nossos desejos e a intimidade, aceitando ou tendo a consciência de trabalharmos as nossas limitações e também de reconhecer o que não será mais possível ser realizado, elaborando esse luto de forma que uma nova psique surja, agora plena e individuada.

Cecília Meireles (1972, p. 35) expressa em seu poema o drama sentido nessa fase da vida.

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- em que espelho ficou perdida
a minha face?

A finitude assusta a todos, variando a intensidade e a forma; na sociedade moderna que se mantém centrada na juventude, onde a maioria dos ideais da vida está focada nas imagens dessa fase, a velhice parece ser algo distante e ameaçador, um período de deterioração física, social e emocional. O indivíduo mais velho sente-se acometido pelo fantasma do declínio natural da vida e aprisionado ao sonho da eterna juventude..."quando envelhecemos, somos atraídos interior e exteriormente pelas lembranças da juventude...". (JUNG, 2009, p.13)

O modo como enfrentamos essa fase intermediária da vida tem um significado importante no caminho da individuação, sendo um momento propício para se aprofundar de modo consciente na psique, tendo clareza de que não é mais um momento de ascensão nem expansão, mas um processo interior de intenso retraimento e autoconhecimento; ao envelhecer é necessária à ocupação consigo mesmo, tornar-se uma necessidade, dedicar atenção séria ao seu próprio si-mesmo, fazer um levantamento do que já foi realizado, mas também do que foi omitido e deixado de ser atingido, e o que ainda resta por fazer em relação à própria personalidade. O estreitamento no relacionamento com o si-mesmo se torna valioso, pois os recursos interiores que esta relação proporciona pode favorecer uma atuação criativa, proporcionando a produtividade e um aumento na contribuição cultural, afastando a pessoa do isolamento social.

O envelhecimento é esperado pela grande maioria das pessoas com medo e ansiedade, outras preferem achar que ainda há muito tempo para pensar na chegada da última fase da vida. Esses sentimentos ocorrem por sabermos que nesse momento ocorrerá a perda da saúde, da beleza, da força e da vitalidade tanto admirada na tenra idade, sofre-se um constante declínio ao longo dos anos, apesar de tentarmos prolongar cada vez mais e ocultar os sinais de envelhecimento. Esse

estado de fragilidade física e a sensação de perda trazem muitas mudanças psicológicas: pode nos roubar a auto-estima, minar a autoconfiança, nos fazer duvidar de nosso equilíbrio emocional e até de nossa saúde mental.

Entendo que nos anos atuais, a terceira idade ou a melhor idade como tem sido denominada pela literatura, é uma etapa que antecede a última fase da vida, momento em que somos convidados a fazer reflexões mais profundas sobre o que fizemos ou deixamos de fazer e quais as conseqüências sofridas e no que isso reflete hoje e irá refletir amanhã. Vejo como mais uma oportunidade, para nos prepararmos para o futuro, momento onde acontecerão perdas ainda mais significativas tanto físicas, como emocional e social.

Percebe-se que nesse momento da vida os sonhos e os pesadelos da juventude não ficaram para trás, guardados como lembranças do passado. É comum a nostalgia e a sensação de luto por algo que se perdeu ou que não se realizou, mas que ainda não se sabe ao certo qual a dimensão e o significado da perda. São comuns as lembranças e o movimento de volta a memória do passado, como forma de preencher o presente com a sua história de vida, uma forma de transmitir as vivências pessoais e reorganizá-las dentro da psique, pois é através dessa confrontação com o mundo externo que a individuação acontece.

É este movimento de volta à memória do arquétipo pessoal que promove a revisão da vida descrita por tantos cientistas sociais que analisaram, estudaram e entrevistaram pessoas no meio da vida, e isto também é parte essencial do processo. (MURRAY, 2007, p. 56)

Ao envelhecer, depois que passaram pela meia idade e investiram suas últimas reservas de energia, é freqüente que as pessoas já estejam exauridas de tantas batalhas, mais propensas ao conformismo de viver do passado e algumas até começam a cultivar o momento da morte, vive a espera dela, acreditando que suas vidas já terminaram. Porém é nesse período de transição e de abatimento, onde o Self; arquétipo da totalidade e o centro da psique e do inconsciente, não mais se reconhece na imagem refletida, a imagem atual diferencia-se da imagem internalizada, provocando mudanças significativas e contribuindo para o processo de individuação. É nesse momento em que o indivíduo sente necessidade de se diferenciar em relação ao coletivo, de buscar sua singularidade, mas para que isso aconteça é preciso se desvincular da persona anterior; “máscara” utilizada para a adaptação ao coletivo, bem como reconhecer com pesar profundo às perdas para passar ao próximo estágio.

O termo “um confronto com o inconsciente”, descreve a fase que Jung viveu de transição da meia idade, atribuindo a esse momento uma transformação intensa. A experiência do envelher, proporcionou que ele descobrisse a si mesmo e o seu próprio mito, tendo sido uma fase muito produtiva e de muitos escritos. Suas elaborações pessoais nessa fase fizeram-no compreender como se comporta a psique em momentos de crise e como esta encontra força para se curar.

Prétat (1997, p. 65) diz que com a perda da persona, desenvolvida ao longo dos anos, é possível movimentar áreas mais profundas da psique; perdemos nosso velho Self, mas temos a possibilidade de descobrir, através da reestruturação interna e da comunicação entre o ego e o Self, atualizando as potencialidades do indivíduo e ampliando a consciência, um novo Self. Entretanto, essa movimentação pode produzir uma “reconstituição defensiva da persona”, um recuo para padrões antigos de defesa e identidade, mas que se faz necessário.

O limiar acontece quando o ego é incapaz de se identificar inteiramente com uma auto-imagem que havia se formado no passado por meio de ligações seletivas e imagens criadas e personificadas por certos papéis aceitos e vividos. Tudo isso funcionava muito bem num contexto criado e apoiado num arquétipo auto- regulador. (MURRAY, 2007, p.24)

Este rito de passagem é necessário para evoluirmos conscientemente no processo de envelhecimento, caminhando de forma natural e desapegada do que ficou para traz. Identificar a dor e viver o luto da juventude são etapas significativas para encarar o que está por vir e passar ao próximo estágio da individuação. É importante pensar que temos um período ainda mais difícil na nossa estrada que é a última fase da vida, na qual temos a confrontação com a morte, perdas físicas e neurológicas ainda maiores que podem nos levar a uma constante dependência de outros.

Carregamos lembranças doces e amargas do caráter transitório da vida, é importante aprendermos a dizer adeus a tudo, e só quando podemos fazer isto encontramos algo dentro de nós, o eu que não se perde. O ser humano precisa do tempo, precisa envelhecer, para saber o que sempre foi, para alcançar sua totalidade originária e original em seu processo de individuação. (MONTEIRO, 2008, p. 64)

Diante da expectativa prolongada de vida, como se desenvolve a psique? Temos um tempo maior para a individuação? O que podemos fazer em nosso próprio benefício? Será que nessa quarta etapa da vida já estamos preparados para o que está por vir, para a finitude?

O ser humano não chegaria aos 70 ou 80 anos, se esta longevidade não

tivesse um significado para a sua espécie. Por isto, à tarde da vida humana deve ter também um significado e uma finalidade próprios, e não pode ser apenas um lastimoso apêndice da manhã da vida. (JUNG, 2009, p.344)

Jung tinha certeza de que havia um objetivo para vivermos tanto, a longevidade teria algum tipo de sentido para a espécie humana; ele argumenta que a função das pessoas na segunda metade da vida é a de sustentar a cultura e dar apoio à sua juventude – as pessoas idosas são repositórios essenciais da sabedoria, contribuindo na transmissão da cultura coletiva, de conhecimentos familiares e, conseqüentemente, de conteúdos arquetípicos. Seguindo a ordem para atingir a individuação nos tornamos seres tão completo quanto possível dentro do contexto de nossa cultura, atingindo à plenitude individual e coletiva.

Em tempos passados quando a sociedade dependia do cultivo da terra, o velho era sinônimo de conhecimento e respeito, detinha a sabedoria das próprias vivências e o aprendizado adquirido com seus ancestrais, tinha uma proximidade da natureza e conseguia ter uma compreensão profunda dessa relação. Contudo, com o processo de industrialização e com a acelerada evolução tecnológica, a sabedoria dos velhos tornou-se dispensável.

Hoje não há respeito e admiração pelos mais velhos, que acabam sendo colocados à margem da sociedade, discriminados e encarados como pessoas pouco capazes e que pesam de alguma forma, financeira ou emocionalmente. Muitos desprezam e ridicularizam os idosos, e se colocam como mais importante – intelectual e socialmente – como detentores do conhecimento atual, porém se esquecem que num futuro bem próximo eles serão os velhos e incapazes. O que será que eles farão com isto na velhice? Arrependimento? Culpa? Enfim a compreensão? Servirão para algo?

Nas culturas orientais, nos países árabes, na Índia e na China, o ancião ainda tem um valor especial, são respeitados e possuem um lugar na sociedade. Nessas culturas o idoso também não está à frente das tecnologias, mas o conhecimento humano tem valor especial, há admiração e respeito pela vida que tiveram e por tudo o que construíram como indivíduo, a ancestralidade tem valor e lugar nessas sociedades.

Diante desse panorama, vemos a necessidade de buscar uma melhor qualidade da vida emocional quando chegamos à velhice, pois, ao contrário do que se imagina, a psique ainda está muito viva e ativa. O mito de que a velhice é um

momento de calma, onde o período de crescimento já se estabilizou cai por terra quando observamos que o idoso continua lutando por um lugar na sociedade, por respeito e direito à autonomia.

Murray (2007, p.40) comenta que “Quem vai até o fim e até o fundo durante a transição do meio da vida tem muito a ganhar: um senso de integridade e compleição que resulta de se viver em contato consciente com um *self* não egoísta”.

Ao envelhecer é comum o indivíduo ser acometido por doenças degenerativas que comprometem a memória, a estabilidade emocional e ainda aspectos físicos limitantes que levam o idoso a ter uma vida dependente. As perdas não se limitam às próprias forças físicas, à estabilidade psicológica e ao valor social, mas estende-se também aos entes queridos, amigos e familiares que vão partindo, e que, de certa forma, passa a compor parte da realidade dos dias que virão. Quanto mais a vida se prolonga, mais perdas vão sendo constatadas; e o *self* como se comporta?

Envelhecer é um processo natural, não há como não acontecer, sendo inevitável às perdas e os ganhos, pois nessa fase o *self* vive mais uma transformação, talvez a principal e mais importante transição, por ser um momento em que se pode fazer uma avaliação do que se viveu e olhar para frente, buscando novas ações através do aprendizado adquirido até então. Estudos mostram que há muito a desenvolver, crises emocionais a superar, pois estamos num processo de crescimento psicológico contínuo, sujeito a mudanças e fluxos internos durante toda a vida.

É o momento onde há um realinhamento do mundo interno e do mundo externo, episódio de reflexão sobre o passado, onde muitos preferem permanecer, e o desejo de viver uma vida presente mais estável e feliz. Sentimentos de inadequação e de exclusão são comuns, nesse momento de crise. Esse fato é agravado, principalmente, nas culturas que encaram a morte como conclusiva em vez de transformadora, o que nos deixa com um constante medo da depressão, a impressão é de que a morte está à nossa porta. A dor e a aflição sentida nesse momento pode ser um convite a participar de uma jornada iniciatória que pode mudar a vida, conduzindo-os não apenas a uma velhice mais fértil como também a uma nova aceitação da inevitável morte física.

Pode ser o momento transformador de poder novamente sonhar e redirecionar a vida com a experiência de muitos anos de realizações e sem a preocupação de atender às necessidades de outros. Seria possível retomar os

muitos projetos que foram abandonados, mas também pode ser o momento de fazer o luto dos projetos não realizados, e que jamais o serão, retomar os valores e reiniciar do que foi deixado para depois? E também a construção de novos ideais e parâmetros para o futuro?

Na velhice o futuro parece não existir, vivesse um presente carregado de passado e a capacidade para sonhar e vislumbrar o amanhã, foi perdida lá atrás. Futuro sim, quem disse que idoso não tem futuro? Enquanto há vida há futuro e como ninguém sabe quando o fim chegará, o importante é aproveitar cada momento preenchendo a vida de forma criativa e contribuindo para o desenvolvimento desse novo self, favorecendo com que a individuação aconteça até o último momento e que a passagem para a finitude seja algo natural, como se fosse mais um momento de transição.

Metaforicamente a morte em si mesma acontece no meio da vida, no momento em que a identidade e as atitudes conscientes de uma pessoa passam por transformações internas profundas e se reorganizam ao redor de um novo cerne de conteúdos e sentidos psicológicos. (MURRAY, 2007, p.122)

O encontro com a morte também traz à consciência um passado que morreu e deve ser enterrado. É com a separação da persona anterior e com a aquisição de um novo self que reconhecemos como morto às perdas e assim podemos passar ao próximo estágio da individuação.

O pivô da experiência da mudança psicológica que acontece no meio da vida e o elemento que declara, infalivelmente a sua unicidade, dando a ela um sentido profundo, é a realização lúcida da morte como a conclusão pessoal e predestinada da vida (MURRAY, 2007, p.122)

O que falta para o velho é viver livremente a velhice de modo que cada dia seja um dia especial e que não há necessidade de parecer àquilo que não é mais. Encarar o fim como uma transição, traz para o envelhecer a lucidez e a compreensão de que estamos aqui para percorrermos um caminho único.

3 ARQUÉTIPOS E JORNADA DA ALMA

Nos mitos e contos de fada, como no sonho, a alma fala de si mesma e os arquétipos se revelam em sua combinação natural, como “formação, transformação e eterna recriação do sentido eterno”.
(Carl Gustav Jung)

O inconsciente coletivo é uma camada mais profunda da nossa psique, resultado da história coletiva, que contém todas as vivências humanas, materiais herdadas da ancestralidade e que determinam a vida individual.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos (JUNG, 2000, p.53).

Os arquétipos ou imagens primordiais consistem num agrupamento de caracteres primitivos, oriundos da experiência mitológica e de toda a humanidade, sendo estes uma forma de manifestação do material inconsciente. Os arquétipos em si são “possibilidades latentes” e irrepresentáveis, mas que recebem forma através do inconsciente pessoal e, portanto, das vivências individuais, surgindo na consciência como uma imagem arquetípica. Desta forma, toda imagem arquetípica tem sua raiz no inconsciente coletivo, no arquétipo, porém, surge carregada de significado pessoal. O arquétipo é universal e tem uma característica de bipolaridade, podendo ser positivo e negativo, evoluindo de acordo com o desenvolvimento da humanidade.

A psicologia analítica é muitas vezes chamada de “a psicologia dos símbolos” por centrar-se na influência das imagens arquetípicas e pela força dos símbolos no processo de transformação dos conteúdos do inconsciente. É por meio da ampliação e da transformação do significado do símbolo que os conteúdos inconscientes podem ser integrados na consciência.

Jung trabalhava com as imagens arquetípicas através da amplificação, a conexão da imagem com tantas outras imagens associadas quantas possíveis, mantendo assim o fluxo da imaginação, dessa forma

conseguimos ultrapassar o nosso estreito horizonte pessoal e leva-nos a nos lembrarmos de nós com uma imaginação mais ampla. (Downing, 1998, p.14).

O acesso às imagens arquetípicas que aparecem em nossas vidas e têm o poder de nos ajudar a transformá-las ocorrem por meio dos sonhos e fantasias, dos atos falhos, das produções artísticas, dos contos de fadas, do folclore, dos mitos e das lendas, dos relacionamentos com outras pessoas, bem como nos momentos em que vivemos nossos fracassos e nossas glórias, os quais contribuem para o processo de dissolução dos nós e da redenção dos complexos da psique.

Os arquétipos aparecem sob uma forma que revela seguramente a influência da elaboração consciente, a qual julga e avalia. Sua manifestação imediata, como a encontramos nos sonhos e visões, é muito mais individual, incompreensível e ingênua do que nos mitos, por exemplo. O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta (JUNG, 2000, p. 17).

Jung considerava a capacidade de desenvolvimento da psique como um evento arquetípico, que está presente nos vários estágios da vida e que são comuns a todos os seres humanos. O Self é o arquétipo da totalidade e o centro da nossa psique, ao mesmo tempo em que é o centro do inconsciente.

As imagens arquetípicas permeiam a nossa vida ao passarmos pela infância, pela adolescência, pela juventude, pela maturidade e pela velhice, ajudando a definir a nossa identidade social e moldando nossas relações com os demais. São muitos os arquétipos presentes no último estágio da vida, desempenhando papéis ativos na nossa psique.

Todo desenvolvimento psíquico acontece na relação do indivíduo com o ambiente externo, com o outro, de onde surge então a necessidade de adaptação e, conseqüentemente, a persona. Esta é um fenômeno coletivo, um impulso natural do desenvolvimento psíquico, é a “máscara” utilizada para a adaptação ao coletivo. Em virtude dessa adaptação surge um processo de repressão de potencialidades, sentimentos, desejos e tendências. Estes conteúdos depositam-se no arquétipo da sombra, o que significa que, portanto, encontraremos na sombra todos os conteúdos negados pela consciência. Como nos diz Jung (2000, p. 277) “A figura da sombra personifica tudo o que o sujeito não reconhece em si e sempre o importuna, direta ou indiretamente, como por exemplo traços inferiores de caráter e outras tendências incompatíveis”.

Entrar em contato com os conteúdos sombrios da psique só é possível através do encontro consigo mesmo, porém é a primeira prova de coragem no caminho interior, pois esse percurso muitas vezes é interrompido devido às coisas desagradáveis que evitamos, sendo mais confortável projetar o lado obscuro e negativo no outro.

Se formos capazes de ver nossa própria sombra, e suportá-la, sabendo que existe, só teríamos resolvido uma pequena parte do problema. Teríamos, pelo menos, trazido à tona o inconsciente pessoal. A sombra, porém, é uma parte viva da personalidade e por isso quer comparecer de alguma forma. Não é possível anulá-la argumentando, ou torná-la inofensiva através da racionalização. Este problema é extremamente difícil, pois não desafia apenas o homem total, mas também o adverte acerca do seu desamparo e impotência (JUNG, 2000, p.31).

Por mais que tentemos fugir da nossa sombra ao longo da vida, em algum momento de nossa jornada teremos que confrontá-la, muitas vezes esse encontro acontece durante o processo de envelhecimento, pois estamos mais ligados ao nosso si mesmo. Nesse momento é importante ter a humildade de perceber que alguns problemas simplesmente são insolúveis por nossos próprios meios, mas reconhecê-los tem a vantagem de estarmos sendo honestos e autênticos com o nosso Self, podendo favorecer uma reação compensatória com o inconsciente coletivo.

Podemos afirmar que os processos inconscientes se encontram em uma relação compensatória para com a consciência. Emprego aqui de propósito a palavra compensatória”, e não a palavra “oposta”, porque a consciência e o inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente para formar a totalidade, que vem a ser o si-mesmo [...] Os processos inconscientes compensadores contêm todos os elementos necessários para a contínua auto-regulação da psique como um todo (Jung, 2000, p. 135).

Descobrimos a amplitude das imagens arquetípicas quando nos prontificamos a caminhar no sentido de um entendimento mais complexo de nossa vida interior. Desta forma, estaremos mais receptivos aos acontecimentos, e, as histórias poderão abrir o caminho a ser trilhado com atenção, disponibilidade e aprofundamento. Essa atitude pode despertar conteúdos arquetípicos adormecidos na psique, favorecendo a confrontação com a sombra e a superação de conteúdos cristalizados e que de alguma forma impedem que um novo self surja.

Nesse percurso entramos em contato com o arquétipo do herói, que tem como sua principal missão vencer os monstros que fazem parte de sua jornada, ou seja, a vitória esperada da consciência sobre o inconsciente.

O herói pode ter muitas facetas, apesar de na maioria das vezes ser visto como positivo e vencedor, há também o lado sombrio, aquelas dificuldades das quais o herói tenta fugir ou até mesmo ignorar, mas que também fazem parte do si mesmo.

A energia que transita entre o arquétipo do si-mesmo e o ego é representada pelo herói, estando associado aos ritos de passagem e ao processo de estruturação da consciência a partir do inconsciente. Esse processo de transformação corresponde ao mito do herói, que freqüentemente não aparece pelos feitos imediatos, mas pelas ameaças míticas.

O arquétipo do velho sábio aparece no momento em que o herói não encontra saída para uma situação difícil e conflitante, nesse momento o que pode salvá-lo é a capacidade de refletir, pois vencer o obstáculo pode não depender somente de uma força física, mas da totalidade de suas virtudes, pois só pode contar consigo mesmo.

O Velho sempre aparece quando o herói se encontra numa situação desesperadora e sem saída, da qual só pode salvá-lo uma reflexão profunda ou uma idéia feliz, isto é, uma função espiritual ou um automatismo endopsíquico. Uma vez que o herói não pode resolver a situação por motivos externos ou internos, o conhecimento necessário que compense a carência, surge sob a forma de um pensamento personificado, isto é, do velho portador de bom conselho e ajuda (JUNG, 2000, p.214/215).

O mito da jornada do herói ensina que o destino do homem é realizar aquilo que ele é, mas que ainda não aceita. Muitos são os chamados para essa aventura de transformação pessoal e da realização mais profunda; percorrer o caminho nessa busca haverá recompensa, retornará renovado, mais forte, mais poderoso e centrado, porém se desistir da jornada a própria psique se encarregará de colocá-lo novamente em situações em que possa fazer outra vez o percurso, esperando-se que desta vez consiga sair transformado. Esse processo poderá acontecer infinitas vezes, quantas a psique achar que seja necessário para atingir o objetivo e realizar aquilo para a que veio. Como diz Jung (2000, p. 217/ 236) “o herói aprende que o inconsciente deixa partir suas criaturas somente em troca de sacrifício”...”o velho sabe que caminhos conduzem à meta, e os mostra ao herói”.

Durante o processo de envelhecimento nos deparamos com o arquétipo do ninho vazio que está relacionado às transformações e ao significado das perdas femininas e na superação das mortes psíquicas que efetivamente, a mulher deve enfrentar. A primeira é a perda da inocência infantil, simbolizada pela flor ou “morte

da donzela” interior que acontece na primeira menstruação. A segunda perda é a de um filho para a morte, para o casamento ou para o mundo, simbolizada pelo “fruto maduro”, cuja dor materna é maior quando se trata de uma filha, sendo essa fase vivenciada pela mulher como depressão do “ninho vazio”. A terceira etapa é a perda da fertilidade – um período vivido com muita angústia e solidão, principalmente no caso de mulheres que não foram mães e também naquelas em que a maternidade tenha sido algo pouco explorado. A mulher e o homem maduros devem trabalhar a sua vida interior para lidar com essa nova fase da vida de forma criativa, deixando fluir a força arquetípica do herói e da heroína, da maternidade e da paternidade, seguindo o fluxo natural da vida.

A “síndrome do ninho vazio” – tédio e depressão quando os filhos se emancipam e abandonam o lar – denuncia uma superidentificação com a persona do papel parental e pode ocorrer em homens e mulheres. A pessoa que se sente vazia e à deriva, exceto quando está trabalhando, usou mal a persona. (Hall, James.A., 2010, p. 24)

É comum observarmos as pessoas no dia a dia, percorrendo o caminho de forma automática, entregando-se ao trabalho como forma de suprir as necessidades financeiras da família, sem atentar para o crescimento natural da nossa espécie. Quando o envelhecimento surge de fato e a aposentadoria tão almejada enfim concretiza-se há um momento de profundo abatimento, onde há a perda do poder muitas vezes adquirido nas posições profissionais e que agora não há mais nenhum sentido. No momento em que se chega em casa de fato e que estamos dispostos a dedicar tempo aos nossos entes queridos, a relação já se tornou tão distante que somos quase desconhecidos, os filhos cresceram e emanciparam-se, não precisam mais dos nossos cuidados, a casa fica vazia e a vida perde o sentido.

Ao longo do processo de envelhecimento, deparamo-nos com o arquétipo da finitude: nossa memória já não é a mesma, nossa pele e nossos cabelos não têm o mesmo viço, nosso caminhar torna-se menos firme e nossos reflexos ficam mais lentos... Pensamos em muitas coisas ao sentirmos que o tempo está passando e apesar de todo o ser humano ter a certeza de que irá morrer um dia, é sempre muito difícil falar sobre o assunto, pois nossa cultura não se encontra preparada para falar abertamente sobre a morte e o morrer. Portanto, todos lidamos de forma solitária com esse sentimento, cada um está confinado a si mesmo, sendo um grande sofrimento a enfrentar, principalmente, quando se chega numa idade mais avançada ou quando nos deparamos com doenças de maior gravidade. O indivíduo pode se

precipitar então na autodestruição, que toma a forma de uma morte real ou da morte psíquica denominada também de doença senil, ou, de doença de Alzheimer, verdadeira decomposição do si-mesmo.

Deveríamos nos preparar para essa passagem ao longo da vida; ao invés de encararmos a morte como uma inimiga a ser derrotada - e ela sempre nos derrota - seria melhor sermos aliados, considerá-la como um acontecimento natural, não só um processo doloroso e triste, mas uma fase de transição que todos, sem distinção, teremos de enfrentar.

A psicologia analítica ressalta a importância da polaridade vida e morte operando dentro da unidade do Self; a vida surge da morte, o novo se constrói a partir da transformação.

Carl Gustav Jung, situa a dualidade vida e morte na unidade, elas interagem de forma antagônica, mas também sincrônica, dentro do processo de desenvolvimento psicológico. A interação destruição-construção na transformação do ser tem início com a fecundação – quando cada célula tem a sua unidade destruída; dessa destruição, surge à nova vida”. (BYINGTON, 1996).

O sintoma também nos aproxima da experiência da finitude e está revelando algo, por ser uma imagem, a doença, o luto e outros sintomas são uma forma de trabalhar a psique, podemos acessar o mais profundo da alma através desses arquétipos, e nos relacionarmos com a morte, à morte do eu, um desligamento.

Nessa última fase da vida, nos deparamos ainda com o arquétipo da redenção, ou seja, quando trago a consciência algo que me aflige significa a redenção de uma parte anteriormente inconsciente, porém o resultado dependerá da atitude do consciente, pois haverá uma renovação da posição do ego, mais do que uma ação externa mediante um acontecimento simbólico.

Na psicologia analítica de Jung, o sentido de "salvação da alma", pode ser encontrado nas passagens em que fala de redenção e de seu significado, como sendo a libertação da flutuação dos afetos e conseqüentemente, da tensão gerada pelos opostos, pois, "como o sofrimento é um afeto, a libertação dos afetos significa a salvação" sendo sua sinônima a libertação da "tensão dos opostos", como "caminho da salvação" que leva gradualmente ao estado de brama. (JUNG, 2009, vol. VI, p. 348).

A redenção traz a psique uma nova possibilidade de se organizar, através da renovação e da reconciliação entre o consciente e o inconsciente. Essa redenção pode estar associada também à própria morte e ao sofrimento.

4 O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NA SEGUNDA METADE DA VIDA

Quando é hora de contar uma história,
digo para mim mesma e para os outros:
respire fundo, mergulhe e nade,
as águas irão sustentá-lo.
Nancy Mellon

O processo de individuação é algo que vai se desenvolvendo infinitamente do início ao fim da vida, sem que tenhamos um controle de quando isso se esgota se é que existe uma finalização. É um processo do si-mesmo o que faz com que seja peculiar e diferenciado para cada um de nós.

Sabe-se que consciente e inconsciente não constituem uma totalidade quando um é reprimido e prejudicado pelo outro. A individuação é portanto um processo ou percurso de desenvolvimento produzido pelo conflito dessas duas realidades anímicas existentes na psique que trabalham continuamente com o objetivo de integração, de tornar-se único, singular e diferenciado, ou seja, “tornar-se si-mesmo”.

A individuação é o processo pelo qual nos tornamos àquilo que sempre fomos, mas este evento decorre com muitas dificuldades, porque a consciência tenta sempre se desviar da base arquetípica do instinto, buscando opor-se a ela. Individualizar-se não é um caminho para que o indivíduo se torne individualista ou egoísta, mas um caminho para realizar melhor e mais plenamente as qualidades coletivas, sem esquecer de si mesmo, respeitando e tendo consciência de sua essência o que é absolutamente necessário na relação com o outro.

Para Jung (2001, p. 267) “A individuação, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social [...]”.

A individuação tem como objetivo libertar o si-mesmo das armadilhas da persona e das suas projeções, através dos processos pré-conscientes, os quais passam pouco a pouco, sob a forma de fantasias mais ou menos estruturadas, diretamente para a consciência, havendo uma integração.

O cerne mesmo da noção de individuação está no impulso para servir a interesses maiores do que os do ego ou do plano coletivo, para perceber com honestidade e agir com tanta integridade e autenticidade quanto possível na prestação desse serviço. Começamos, talvez, descobrindo e libertando àquelas partes de nossas pessoas aprisionadas pelas primeiras

mágoas e pelas percepções distorcidas que delas decorreram. Aprendemos a questionar as costumeiras projeções nos outros de nossos aspectos mais sombrios, sejam tais objetos os membros de nossa família ou de grupos étnicos ou raciais (Downing org, Stevens, 1998, p. 145).

Esses processos podem ser ativados através dos sonhos, da imaginação ativa e ou das imagens contidas nos contos de fadas e mitos possibilitando que haja um confronto do consciente com o inconsciente a fim de encontrarem um caminho único e pleno.

Hillman diz (1992, p.15) que a alma volta-se sempre para as mesmas feridas, e que ela insiste nas mesmas figuras e emoções, com o objetivo de extrair novos significados e uma experiência renovada. Por isso observamos os mesmos temas nos sonhos por muitos e muitos anos, essa repetição é uma tentativa de aprofundamento do inconsciente, para tentar extrair dessas feridas novos significados e assim nos tornarmos àquilo que somos. Os contos fazem o mesmo movimento de repetição, o herói sempre tem uma tarefa para cumprir e apesar das dificuldades que enfrenta e mesmo quando tenta afastar-se de seu destino, o impulso inconsciente o direciona na realização da sua missão.

A história “O quadro de pano” (Anexo A), há tempos me tocava a alma, já tentava trabalhar com ela há quase 2 anos, lia, relia e lia novamente e não sentia a permissão interna para contá-la. Até que chegou o dia de contá-la e foi um grande desafio, a história saiu como se fosse da alma, estava tão enraizada que as palavras brotavam e eu nem percebia. Senti a presença dos idosos como se estivessem me ouvindo contar algo que fazia parte deles. Os comentários e o olhar curioso e atento de cada idoso confirmava a minha escolha. Apesar de ser uma história longa e densa, senti que estavam ali o tempo todo interagindo. Um idoso foi pontuando a história na medida em que ia sendo contada, mas sem interferir no percurso do herói, senti que ele entrou e viajou literalmente nessa história, indo passo a passo com a contadora. No final fez o seguinte depoimento:

_ “Eu conheci famílias assim!”. “Foi-se àquele tempo em que os filhos faziam os pais felizes, compartilhavam. Hoje estou descrente disso!”.

Outra idosa comentou:

_ “O poder, o dom, ninguém tira nós”, “Eu gostaria de escutar mais”, “São histórias, mas são verdadeiras, gostei das histórias de hoje, me fizeram lembrar de quando era criança”.

Como diz Maroni (2001, p.94) “são as imagens e as fantasias que sustentam

o pensamento”. As imagens contidas e trazidas pelas histórias favorecem a confrontação do inconsciente com o consciente, à medida que muitos pacientes trazem lembranças da infância, pequenos detalhes que estavam ali adormecidos, mas que emergem rapidamente a partir das imagens contidas nas histórias.

Ao ouvir em maio de 2009 a narrativa da história “O veneno que salvou” (Anexo B) um idoso faz o seguinte depoimento:

_ “Eu não perdô ninguém, nem meu filho”.

Esse comentário foi com um olhar frio e de forma ríspida, como se houvesse uma grande mágoa que brotava de dentro da alma. Com o passar do tempo, outras histórias foram contadas e percebemos alguns depoimentos dele que sinalizavam uma mudança com relação à capacidade de perdoar, com colocações como:

_ “É...nessa vida temos que agradecer pelas coisas boas que acontecem, sempre tem coisas boas também pra gente”.

Após um ano a história foi novamente contada, sendo que desta vez o idoso expressa com suavidade o comentário:

_ “Se for histórias para reconciliação, todas são boas”.

Assim, percebeu-se que essa história mobilizou de forma positiva conteúdos cristalizados que o ajudaram a refletir sobre sentimentos como raiva, mágoa e perdão. Essa confrontação entre consciente e inconsciente mobilizada pela história contribuiu na individuação desse idoso.

Jung (2001, p. 49) considera que “O método terapêutico da psicologia complexa consiste por um lado numa tomada de consciência, o mais completa possível, dos conteúdos inconscientes constelados, e por outro lado numa síntese dos mesmos com a consciência através do ato cognitivo”.

Alguns buscam fazer comentários, relacionando a vida pessoal, mas a maioria ouve sem nada dizer, porque realmente nada precisa ser dito somente sentido, o olhar profundo e penetrante revela a conexão da alma com os mitos arquetípicos através das imagens.

O ato de ouvir histórias abre as portas para o desconhecido, provocando a liberação de energia (libido) que coloca a psique em movimento, trazendo equilíbrio ou a possibilidade de tornar consciente ou ainda de entrar em diálogo com algo doloroso. As histórias ativam o mundo da fantasia e das imagens. Os ouvintes revivem e por vezes resignificam os personagens internos de sua alma, possibilitando uma nova atitude diante da vida e da morte. Em outras palavras é a

emoção vivida por meio das imagens que alimentam a alma!

Após a narrativa da história “A velha e a Morte” (Anexo C) houve o depoimento de uma senhora de aproximadamente 60 anos:

_ “Que profundidade tem esse conto, sabe que sempre tive medo da morte, evitava esse assunto como se não fizesse parte de mim, como se fosse algo muito distante, mas ao ouvir a delicadeza com que a morte pode chegar diante de uma melhor relação com ela, pude perceber que o inevitável e doloroso pode não ser assim tão feio e sofrido, existe um momento em que precisamos partir. Senti um certo alívio, pois existe muito mistério em torno do fim da vida e esse conto me trouxe conforto e aceitação”.

Esse depoimento constata que as histórias possibilitam a aproximação consciente da finitude e da morte, o inconsciente absorve e elabora aquilo que for necessário para auxiliar a pessoa nessa direção. Esse conto trouxe para a ouvinte a possibilidade de refletir sobre algo que é um grande mistério e que causa medo, contribuindo de forma positiva para a transformação de aspectos constelados dentro da sua psique.

A individuação por ser um processo dinâmico e de uma vida inteira; envolve uma mudança constante e finalmente leva à aceitação da finitude da vida e inevitabilidade da morte.

O conto “Florinda e Yoringal” (Anexo D) provocou os seguintes depoimentos:

_ “Uma bruxa, pensei que fosse uma musa – eu conheci uma Florinda, muito bonita, italiana”.

Quando compreendemos que fazemos parte de um ciclo que periodicamente nos arrasta para as sombras da inconsciência e depois traz novamente para a luz onde podemos florescer, começamos a nos conhecer de uma nova maneira. (Prétat, 1997, p. 176)

Esse trocadilho de palavras me pareceu algo importante na vida desse ouvinte, pois se pararmos para pensar toda bruxa tem um lado musa e toda musa tem um pouco de bruxa, penso que estava denominando algo que vem desenvolvendo internamente, a relação do belo/ feio, do bem/ mal.

Outra idosa diz:

_ “ Eu queria ser uma bruxa, para fazer tanta coisa. Coisas boas para quem fosse bom e má para quem for mau comigo”.

Observamos que essa história mobilizou a sombra dos ouvintes, deixando explícito de que o bem e o mal caminham juntos.

A figura da velha bruxa pode ser provocadora, pois traz consigo os opostos: nascimento/ morte, juventude/ velhice, beleza/ feiúra, esperança/ desespero e bem/ mal. Quando vivenciamos dentro de nós mesmos essas oposições e enfrentamos o trabalho de reconciliá-las em nossa vida, efetivamente revestimo-nos daquilo que Jung chamou de vocação de desenvolver nossa personalidade até o final da vida.[...] Ao contemplar a velha sábia e enxergarmos os opostos dentro dela podemos ver como que num espelho a luz e as trevas o bem e o mal existente dentro de nós.[...] (Prétat, 1997, p. 141/ 146)

Esse depoimento demonstra que a ouvinte consegue ter um olhar de recolhimento e aceitar a orientação da bruxa, acolher a sua sabedoria à medida que envelhece, abraça o que parece ser repulsivo, e pôde experimentar um verdadeiro aprofundamento durante o envelhecimento, a reconciliação do ego e do Si-mesmo. Ela foi capaz efetivamente de perceber na velha sábia ou na bruxa todos os seus aspectos sombrios e luminosos.

Numa roda de contação de histórias, ouvi uma senhora de aproximadamente 90 anos, em meio a um delírio misturado com lucidez conversar com Deus, dizia:

_ “Meus Deus estou cansada, me leva daqui”.

Ao ouvir esse desabafo passei a refletir o que a levava a fazer tal pedido, me parecia uma pessoa cansada da vida, estava bem envelhecida, cabelos brancos, relativamente dependente nas suas necessidades diárias, mas sempre com um sorriso no rosto quando havia a aproximação de alguém, muito disposta a receber carinho e a dar carinho, não parecia uma pessoa amargurada, mas sim cansada. Os dias pareciam cada vez mais longos e frios e o fim não chegava.

Para nossa psicologia analítica que, como ciência, deve restringir-se ao empírico, a imagem de Deus é a expressão simbólica de um estado psíquico ou de uma função que se caracteriza por ultrapassar absolutamente o querer consciente do sujeito e consegue, assim, impor ou tornar possíveis, ações e resultados inacessíveis ao esforço consciente. Este impulso poderoso – uma vez que a função de Deus se manifesta no agir – ou esta inspiração que transcende o entendimento consciente provém de um represamento de energia no inconsciente. Esta acumulação de libido reanima imagens que o inconsciente coletivo possui como possibilidades latentes, entre as quais a imagem de Deus, aquele cunho que, desde os mais remotos tempos, é a expressão coletiva das influências mais poderosas e mais absolutas exercidas sobre a consciência pela concentração inconsciente de libido. (JUNG, 2009, p. 456)

Nessa fase da vida é comum à busca pelo sagrado, o “Deus” ou energia superior internalizada ao longo da vida, nesse momento acredita-se ainda mais fortemente na força divina que tem o poder de dar e de tirar a vida.

Esta atitude psicológica faz parte evidentemente, das condições para se alcançar o reino de Deus cristão que é, no fundo – apesar de todas as interpretações racionais – a essência central e irracional, imagem e símbolo

donde provém o efeito redentor. O símbolo cristão tem apenas um caráter mais social (público) do que os conceitos orientais afins. Estes se vinculam diretamente às idéias dinâmicas existentes desde remotas eras, sobretudo à imagem da força mágica que emana das pessoas e das coisas ou, em grau mais alto dos deuses ou de um princípio. (JUNG, 2009, p.416)

Ao olhar para aquela idosa tão tranquila diante da vida e também de sua finitude, pode-se pensar que ela talvez já estivesse realmente preparada para a passagem, parecia plena e individuada. Parecia haver ali uma aceitação do fim, alguém que viveu o que pode viver dentro das suas limitações e possibilidades, estando certa de que a passagem era necessária para a transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi elaborado com o objetivo de analisar as imagens arquetípicas dos contos de fadas e a sua atuação no processo de individuação dos idosos.

O ato de resgatar e transmitir o conhecimento milenar dos contos de fada espelha metaforicamente o próprio desenvolvimento do ser humano desde o seu surgimento no mundo, revelando importantes considerações à cerca da psicologia humana.

As imagens que surgem a partir da narrativa são absorvidas pela psique do ouvinte de forma que cada um constrói em sua imaginação imagens que tem uma forma e colorido próprio, de acordo com os referenciais e significados individuais. Esse resgate das imagens arquetípicas através dos contos de fadas, favorece a ativação de diferentes afetos e estruturas mentais primitivas que permanecem inibidas ou desconhecidas na psique do homem ao longo da vida.

As rodas de contação de histórias propiciam através das narrativas diferentes reflexões sobre a existência humana; os ouvintes são convidados a participar de um processo que aviva os sentimentos mais profundos, despertando com sabedoria e encantamento aspectos sombrios e confusos das nossas jornadas. Podemos refletir sobre a vida e a morte, sobre as relações humanas, sobre as relações do homem com a natureza e com o divino, experiências estas que podem trazer um novo sabor e significado para o vivido, transformando conteúdos constelados e desenvolvendo uma psique mais ampla.

Os depoimentos dos ouvintes conduzem a uma reflexão a respeito da utilização das histórias como poderosos veículos de comunicação do consciente com o inconsciente, tendo uma função terapêutica e contribuindo para o processo de individuação.

As histórias abrem as portas para o desconhecido mundo das imagens simbólicas, auxiliando cognitivamente nas estruturações mentais e elaborações de conceitos de base psíquica, fornecendo elementos para a imaginação trabalhar a emoção, contribuindo para a construção do si-mesmo rumo à plenitude.

As histórias expressam simbolicamente conteúdos internalizados que estão fora do alcance da compreensão humana, percorrendo a psique de forma a trabalhar com os arquétipos que se encontram constelados, dando uma nova possibilidade de elaborar esses conteúdos.

O envelhecimento é uma fase natural de transição, onde são inevitáveis às perdas e os ganhos, pois nessa fase há uma transformação do self, deixando para trás a persona adquirida ao longo da vida, bem como é preciso deparar-se com as sombras e projeções para identificarmos o nosso verdadeiro eu.

Paralelamente ao curso natural do envelhecimento podem surgir perdas neurológicas decorrentes de doenças degenerativas que antecipam a fase de dependência física e emocional, causando no indivíduo um certo apego ao passado com medo de enfrentar o futuro inevitável da vida. É comum nessa fase o isolamento social, pois as pessoas que estão ao redor também enfrentam um momento de confronto com as suas próprias limitações e medos, preferindo manter um certo afastamento do idoso, pois este mostra ainda mais de perto a constatação da finitude de que todos queremos nos distanciar.

As histórias mostram que o homem, em sua trajetória de vida, encontra muitas sombras e desafios que lhe exigem coragem e persistência para vencê-los, mas que só a confrontação com essas dificuldades poderão levá-lo de volta ao seu Si-mesmo. Desta forma, as imagens despertadas pelas histórias, devido ao seu contexto mítico e arquetípico, podem atuar como facilitadoras no processo de individuação e na aceitação da finitude da vida. O caminho da transição é cheio de perigos, mas a possibilidade da dinâmica da dualidade vida e morte que opera dentro da psique durante o envelhecimento podem auxiliar tanto para superar a crise quanto para sedimentar o caminho de um novo crescimento.

Jung recorda que:

“...um conteúdo arquetípico sempre se expressa, em primeiro lugar, por metáforas. Nós enfrentamos, a cada nova etapa conquistada na diferenciação cultural da consciência, a tarefa de encontrar uma nova interpretação adequada a essa etapa, a fim de vincular a vida do passado que ainda existe em nós com a vida do presente, que ameaça escapar de nós”. [...] (apud. Yeoman, 1998, p. 205)

A consciência torna-se presente na confirmação do conhecimento, da sensibilidade, das habilidades e capacidades conquistadas, como também do medo diante das dificuldades e dos limites a serem transpostos.

Como diz Murray (2007, p. 49) “O inconsciente introduz sutilmente os temas da separação, da finalidade, da morte e do momento exato em que as atividades psicológicas se confrontam”.

A consciência, a vivência e a realização do eu representam a concretização,

pelo indivíduo, do processo de individuação.

Ao envelhecer conscientemente, eles conhecem as pequenas mortes de suas descidas e os renascimentos de seus retornos[...] envelhecer torna-se então uma exploração estimulante que abre as portas do nosso futuro nesta vida e além dela. (Prétat, 1997, p. 176)

As histórias funcionam como chaves para abrir o caminho de comunicação entre o consciente e o inconsciente, despertando as imagens arquetípicas que repousam em nossa psique, favorecendo o processo de individuação durante a vida e, principalmente, na trajetória do envelhecimento e da finitude.

REFERÊNCIAS

- BONAVENTURE, Jette. **O que conta o conto?** 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1992.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **O arquétipo da vida e da morte:** Um estudo da psicologia simbólica. São Paulo: Junguiana, n.14, 1996.
- DOWNING, Christine Org. **Espelhos do Self:** As imagens Arquetípicas que moldam a sua vida. São Paulo: Cultrix, 1998.
- GRIMM, Irmãos. Publicado por Transedition Limited. Um **tesouro de contos de fadas.** Oxford, England. Quebecor, 1994.
- HALL, James A. **Jung e a interpretação dos sonhos.** São Paulo: Cultrix, 2010.
- HILLMAN, James. **Psicologia Arquetípica.** São Paulo: Cultrix, 1992.
- HILLMAN, James. **O mito da análise:** Três ensaios em psicologia arquetípica. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- HILLMAN, James. **A força do caráter:** e a poética de uma vida longa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAFFÉ, Aniela. **O mito do significado.** São Paulo: Cultrix, 1995.
- JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos.** 3ª ed. vol. VI. Petrópolis: Vozes, 2009.
- JUNG, C.G. **O eu e o inconsciente.** 15ª ed. vol. VII/ 2. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JUNG, C.G. **A vida simbólica.** 2ª ed. vol. II. Petrópolis: Vozes, 2007.
- JUNG, C.G. **A natureza da Psique.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- JUNG, C.G. **Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LYRA, Sonia Regina. <http://www.ichthysinstituto.com.br/artigos-detalle.asp>. Acesso 16/08/2010.
- LEEMING, David. **Do Olimpo a Camelot.** Um panorama da mitologia européia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MARONI, Amnéris. **Jung – Individuação e coletividade.** 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1998.
- MARONI, Amnéris. **Figuras da imaginação: buscando compreender a psique.** São Paulo: Summus, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Flor de Poemas**. 3ª ed. Coleção Poiesis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MONTEIRO, Dulcinéa da Mata Ribeiro. **Puer – Senex: Dinâmicas Relacionais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PRÉTAT, Jane R. **Envelhecer: os anos de declínio e a transformação da última fase da vida**. São Paulo: Paulus, 1997.

SSÓ, Ernani. **Contos de morte morrida**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

STEIN, Murray. **No meio da vida: uma perspectiva junguiana**. São Paulo: Paulus, 2007.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A individuação nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1985.

WHITMONT, Edward C. **A busca do símbolo**. São Paulo: Cultrix, 1994.

YEOMAN, Ann. **Agora ou na terra do nunca: Peter Pan e o mito da eterna juventude**. São Paulo: Cultrix, 1998.

ANEXO A - O QUADRO DE PANO

Monges budistas Dalai Lama – conto tibetano

Livro: O que conta o conto?

Havia uma vez, uma região árida ao pé das montanhas, uma pobre viúva que tinha três filhos. O maior não prestava para grande coisa, e tampouco o segundo. O caçula é que era filho carinhoso e trabalhador, que sempre procurava ajudar a mãe no que podia. A mãe ficava tecendo o dia todo, fazendo brotar de seus dedos flores maravilhosas, pássaros e bichos de todo tipo; levava os seus tecidos prontos para a feira de uma cidade vizinha, recebendo em troca dinheiro suficiente para comprar comida para ela e para os filhos.

O caçula costumava ir catar lenha numa floresta próxima, enquanto os outros dois irmãos se espreguiçavam ao sol, esperando que a mãe providenciasse comida.

Um dia, a mãe acabou de vender seus brocados um pouco mais cedo que de costume e foi, então dar uma volta pela feira, procurando um vendedor que oferecesse arroz mais barato. De repente, seus olhos pousaram numa linda tela pendurada numa loja. Aproximou-se para ver melhor. Era um quadro reproduzindo uma montanha parecida com a que havia atrás de sua aldeia, só que perto dela, em vez de cabanas pobres, havia um grupo de lindas casas limpinhas. Entre elas, a mais bonita era uma casa de andares, situada no meio de um jardim, atravessado por um riacho prateado que formava um pequeno lago no qual se agitavam peixinhos vermelhos. Aves de galinheiro ciscavam aqui e acolá, e belas ovelhas brancas pastavam nas ladeiras da montanha; campos de milho dourado se estendiam a perder de vista. Culminando essa tela idílica, havia no topo da montanha um grande sol de fogo.

A mãe ficou pasma com a beleza do quadro, e não se cansava de olhá-lo. Sem hesitar um minuto, tirou todo o dinheiro que tinha no bolso e que acabara de receber pelos próprios tecidos, e comprou o quadro. Só lhe sobraram algumas moedinhas para comprar um pouco de arroz para levar para casa. “Só uma vez”, pensava, “não será tão terrível. Na próxima vez comparei alguma coisa melhor para meus filhos.” No caminho, parava de vez em quando para desenrolar o quadro e admirá-lo. Como as casas brilhavam! Como o riacho cintilava! Contava quantas galinhas havia, quantos patos, e olhava para a pequena horta com seus belos legumes, tendo até a impressão de que podia sentir o perfume das flores que embelezavam o jardim. Nunca tinha se sentido tão feliz em toda a sua vida.

Em casa, a mãe pendurou o quadro perto da porta. Não conseguia tirar os olhos de lá. Os dois filhos maiores resmungaram e acharam ridículo gastar tanto dinheiro só para comprar um quadro, mas o caçula declarou:

- Gostaria que você tivesse uma casa parecida com a desse quadro, mamãe, com um jardim igualzinho. Se eu fosse você, teceria um quadro de pano usando este aqui como modelo. Enquanto você estiver tecendo a casa, as flores, o riacho e as galinhas, você terá a impressão de já ser dona de tudo isso.

- Não fique pondo essas ideias na cabeça da mãe – falou o filho mais velho bocejando. Se ela começar a ter por prazer, onde é que vamos encontrar dinheiro para viver?

- É claro – opinou o segundo filho. Se a mãe quer viver como uma grande dama, que espere pela outra vida. Talvez seja melhor do que esta!

No entanto, a idéia do filho caçula a seduzia.

- Não temam, meus filhos, que eu vá prejudicá-los – ela falou, para acalmá-los. Vou tecer à noite e de manhãzinha para meu prazer, e o resto do dia, para alimentá-los. Até agora alimentei vocês e vou continuar a fazê-lo.

Então ela comprou os fios mais lindos e se pôs a tecer.

A mãe passou um longo ano sentada tecendo. De noite, acendia uma tocha, cuja fumaça provocava lágrimas em seus olhos. Uma a uma, as gotas cristalinas caíam sobre o pano que estava tecendo e ela as ia incorporando ao quadro. Foi assim que teceu o lago e o riacho, com suas lágrimas.

No segundo ano, os pobres olhos da mãe estavam tão irritados, que até sangravam. E eram lágrimas vermelhas que caíam sobre o brocado que ela tecia. A mãe as ia incorporando ao quadro, tecendo flores vermelhas e o sol iluminava o céu.

No terceiro ano, o quadro estava terminado. Continha tudo o que estava no modelo: uma região cheia de verduras ao pé de uma alta montanha, casinhas que pareciam de prata, campos de milho dourado, jardins com legumes, árvores frutíferas, arbustos floridos e, à beira da aldeia, no lugar da pobre cabana da mãe, havia uma grande construção, com colunas vermelhas, portas amarelas e telhado azul. Atrás da casa, nas ladeiras verdes da montanha, pastavam ovelhas, búfalos e vacas; pintinhos amarelos e patinhos brincavam na grama, e pássaros cruzavam o céu em vôo rápido. Em primeiro plano, havia um jardim cheio de árvores e flores brilhantes e, no centro, um laguinho com peixinhos vermelhos; um riacho prateado atravessava os campos de arroz. Atrás da aldeia havia campos de milho dourado e, bem acima, um sol de cobre que brilhava num céu azul.

A mãe enxugou os olhos avermelhados e exibiu um sorriso de satisfação:

- Venham ver como está bonito, meus filhos!

Os três filhos aproximaram-se e deram um grito de admiração.

- Quanto dinheiro dariam por isso, se você o vendesse? - perguntou o filho mais velho.

- Por uma coisa assim, você poderá ganhar uma bela soma – confirmou o segundo filho.

Mas o caçula declarou:

- A nossa mãe construiu uma casa de seda para nós. Vamos contemplá-la e vivermos nela em pensamento.

- Teci este quadro para meu prazer e não quero vendê-lo – disse a mãe. Mas, aqui na penumbra não se enxerga muito bem tudo o que há nele. Vamos levá-lo para fora, para a luz do dia.

A mãe pendurou o quadro fora da casa e todas as cores ficaram mais intensas. Lá, à luz do dia, é que

se podia ver realmente o quanto era bonito o quadro. Os vizinhos vieram admirá-lo e cada um cumprimentava a mãe, que sorria de felicidade.

De repente, ela sentiu o rosto a carícia de uma brisa leve, o no de seda balançou, um vento mais forte o sacudiu como um tapete do qual se tira o pó e, por fim, ele foi arrancado da porta onde estava pendurando. Num instante, o quadro saiu voando pelos ares.

A mãe deu um grito e desmaiou. Os vizinhos saíram em todas as direções procurando o quadro de pano, os filhos procuraram por toda a redondeza, mas ninguém encontrou o quadro de seda da mãe.

Depois do sumiço, a mãe começou a vagar com uma alma penada. O caçula tentava consolá-la como podia, preparando sopas de gengibre, mas a mãe ia definhando rapidamente.

Depois de algum tempo, a mãe falou para o filho mais velho:

- Filho, se você quer que eu viva, vá procurar o meu quadro de pano e o traga de volta. Sem ele, é como se eu tivesse perdido uma parte de minha vida.

O filho calçou suas sandálias e saiu em direção ao leste. Andou meses a fio, até chegar a um desfiladeiro, onde havia uma casinha de pedra. Na frente da casa havia um cavalo esticando o pescoço em direção a uns morangos. “Por que o cavalo não come os morangos?” perguntou o rapaz a si próprio. “Por que será que fica assim esticando o pescoço de boca aberta?” Ao se aproximar, constatou que o cavalo era de pedra. Ficou muito surpreso com isso. Enquanto estava lá contemplando o cavalo, estarecido, uma velha sorridente saiu da casa de pedra.

- O que você está procurando, meu filho? – ela perguntou, cordialmente.

- Estou procurando um quadro de pano que nossa mãe teceu, respondeu o filho mais velho. Nele minha mãe tinha reproduzido uma paisagem com uma casa, um riacho, um jardim, aves, o sol e as flores. Para ela fazer esse quadro, não comemos bem durante anos, Mal ela acabou de tecê-lo, o vento o levou, Deus sabe para onde. Mamãe me pediu para procurá-lo. Por acaso não sabe onde ele está?

- Sim, sei – falou a velha balançando a cabeça. Foram as fadas da Montanha Ensolarada que pegaram emprestado o quadro. Querem usá-lo como modelo para tecer um brocado igualmente bonito.

- Fico feliz em saber para onde dirigir meus passos para reencontrá-lo – disse o irmão mais velho, com um suspiro de alívio. A senhora poderia me indicar o caminho da Montanha Ensolarada? Quero ir logo lá, só assim vou ficar tranqüilo.

- É fácil dizer, mas difícil de realizar – disse a velha com um riso silencioso. Só se pode chegar lá montado neste cavalo aqui.

- Mas, esse cavalo é de pedra! – observou o irmão mais velho.

- Pouco importa – disse a velha. O cavalo voltará à vida assim que você implantar seus dentes nas gengivas dele, para que ele possa comer os morangos. Se você quiser, eu ajudo arrancar seus dentes com uma pedra.

O filho mais velho olhou para a velha espantado. Seus joelhos tremiam.

- E isto ainda não é nada – continuou a velha, parecendo não ter percebido o espanto do rapaz. O cavalo fará você atravessar as chamas de um vulcão e o gelo de uma geleira, e só depois, além do mar, você vai encontrar a Montanha Ensolarada e as fadas. Agora, se durante o percurso você suspirar uma vez apenas, as chamas vão reduzi-lo a cinzas, os pedaços de gelo da geleira vão quebrá-lo todo e as ondas do mar vão afogá-lo.

O filho mais velho recuou dois passos, olhando para o caminho por onde tinha vindo. A velha sorriu:

- Se você não estiver disposto, não se esforce! Melhor voltar para casa. Eu vou lhe dar uma caixinha cheia de moedas de ouro para sua caminhada.

- A senhora vai me dar, sem mais nem menos, estas moedas, sem nada em troca? – perguntou o irmão mais velho incrédulo, mas seduzido.

- Sim, assim por nada. Ou, se você quiser, para que você coma e não sinta fome – respondeu a estranha velhinha.

- De fato, é verdade, prefiro voltar para casa – disse o irmão mais velho, pegando as moedas de ouro e sumindo pelo mesmo caminho pelo qual tinha vindo. Ao chegar numa encruzilhada, falou para si mesmo: “Para uma pessoa apenas, estas moedas são suficientes, mas para quatro são poucas. Melhor eu ir à cidade do que voltar para casa. Vou viver como um senhor!” E tomou o caminho que levava à cidade.

Vendo, com o tempo, que o filho mais velho não voltava, um dia a mãe falou para o segundo:

- Seu irmão está viajando, Deus sabe onde. Sem dúvida se esqueceu de nós. Vá, meu filho, vá ver se encontra meu belo quadro de pano.

O filho do meio calçou suas sandálias e se pôs a caminho. Andou um dia, uma semana, um mês e chegou à casinha de pedra. Viu o cavalo de pedra esticando o pescoço em direção aos morangos. A velha apareceu na porta, perguntando:

- Que bons ventos o trazem por aqui, meu filho?

- Estou à procura de um quadro de pano que minha mãe teceu. O vento o leu – respondeu o segundo filho.

- Seu irmão mais velho já passou por aqui – disse a velha com um suspiro, mas teve medo de ir reconquistar o quadro de pano, porque teria que atravessar chamas e geleiras montado naquele cavalo.

- Ma é um cavalo de pedra – estranhou o filho do meio.

- Se você deixar eu arrancar seus dentes com uma pedra para implantá-los no cavalo, ele reviverá, comerá os morangos e poderá levá-lo até as fadas da Montanha Ensolarada, que irão lhe devolver o quadro.

- Era só o que faltava, deixar extrair meus dentes – disse o irmão do meio alarmado. Prefiro voltar

para casa.

- Neste caso, vou lhe dar um cofrinho cheio de moedas de ouro. Seu irmão também as recebeu.

“Então foi por isso que meu irmão não voltou para casa”, pensou o irmão do meio. “E fez bem. Aproveitou melhor seu dinheiro em outro lugar.” Então o irmão do meio pegou a caixinha com as moedas de ouro que lhe oferecia a velha e agradeceu educadamente, pensando em sumir o mais rapidamente possível de lá e ir direto para a cidade. “Agora vou aproveitar a vida! Por que iria repartir com os outros?”

Ao cabo de mais um mês, a mãe chamou o caçula e lhe disse:

- Filho sinto-me fraca como uma mosca e, se não encontrar o meu quadro, creio que não vou resistir por muito tempo mais. Meus dois filhos maiores devem estar passeando, quem sabe onde? Sem dúvida se esqueceram de nós. Em você, sempre tive confiança. Vá, pois, à procura de meu quadro.

O filho caçula calçou suas sandálias e partiu. Chegou ao desfiladeiro em frente da casinha de pedra e do cavalo de pedra com o pescoço esticado para os morangos. Na porta da casa se encontrava a velha que parecia esperar por ele. Ela o recebeu dizendo:

- O caminho que leva para o quadro de pano é difícil. Os seus irmãos maiores preferiram receber de mim uma caixinha com moedas de ouro e ir gastá-las na cidade.

- Eu não tenho nada – disse o caçula – e não preciso de ouro. As moedas de ouro não irão devolver a saúde a minha mãe. Mas, que devo fazer para recuperar o quadro de brocado?

A velha explicou ao caçula o caminho que atravessava as chamas e o gelo. Também lhe disse que poderia reanimar o cavalo se arrancasse os próprios dentes e os implantasse na boca do cavalo. Mal acabara de lhe dar esta explicação, o rapaz já tinha pegado uma pedra, quebrado seus dentes e implantado na boca do cavalo. O cavalo se reanimou, engoliu os dez morangos e o rapaz montou nele, partindo imediatamente, rápido como o próprio vento.

- Não se esqueça, não pode dar nenhum suspiro, mesmo que as chamas estejam queimando você ou o gelo ferindo seu corpo, senão você vai morrer! – gritou a velhinha.

Ofegante, o moço cavalgava cada vez mais para o interior dos rochedos, até chegar a um lugar cheio de chamas que saíam das entranhas da terra. O rapaz incitou o cavalo e atravessou a muralha de fogo. As chamas o queimavam e o asfixiavam, mas ele não deu nenhum suspiro. Já estava achando que as chamas iam acabar com ele, quando o cavalo deu um grande salto e eles foram parar num caminho bem estreito e bem sombrio por entre os rochedos. O caçula enxugou o suor da face e respirou a plenos pulmões o ar fresco incitando novamente o cavalo para continuarem a corrida. Andaram assim por muito, muito tempo, até que o rapaz começou a sentir um ar gelado. Ao longe ouvia-se um barulho estrondoso. Mais uma vez deu uma esperada no cavalo. Corriam como o vento, quando de repente o caminho estreito entre as rochas se abriu. O cavalo parou de sopetão. O rapaz começou a tremer de frio. Olhando em volta, percebeu que se encontravam no meio de uma inundação marinha. Até onde a vista podia alcançar, só se via gelo. Era uma imensa geleira com enormes icebergs ameaçadores que se chocavam com grande estrondo. Do outro lado da geleira,

avistava-se, bem longe, uma alta montanha verde inundada pelo sol. “É a Montanha Ensolarada”, exclamou o caçula. “Rápido, meu querido cavalo, estamos quase chegando!” O cavalo, sem hesitar, jogou-se nas ondas geladas. Aquele gelo movediço queimava e feria a pele do cavaleiro, as ondas sacudiam-no e ameaçavam jogá-lo do alto do cavalo. Mas, o rapaz cerrou a boca e não deixou nenhum suspiro escapar de seus lábios. Quando já estava quase se afogando, o cavalo conseguiu alcançar a margem. O bom sol secou as roupas, cicatrizou as feridas e, antes que ele pudesse compreender o que se passava, já se encontrava no topo da montanha. Diante de seus olhos brilhava um palácio de cristal e, vindos do jardim, ouviam-se risos e cantos de umas jovens.

O rapaz entrou pelo portal de honra do pátio e apeou do cavalo. Viu na sua frente um grupo de belas moças ocupadas em tecer um pano. No meio delas encontrava-se o quadro de sua mãe. Ao perceberem o rapaz, as moças abandonaram seus teares e vieram ao seu encontro, rindo. Uma delas, bem miudinha, com um vestido vermelho, encantou-o particularmente. A seguir, uma bela dama aproximou-se do rapaz. Ela usava um vestido brilhante como os reflexos do sol no mar. Seus cabelos compridos estavam presos por um pente de ouro. “Sou a rainha das fadas”, disse. “Nunca ninguém vem aqui. Por que você empreendeu esta viagem tão cheia de perigos?”. “vim à procura do quadro de pano de minha mãe”, disse o rapaz, “o vento trouxe-o até vocês e minha mãe ficou doente por causa disso”. “Não foi por mero acaso que o vento levou o quadro de pano de sua mãe, fomos nós que ordenamos que fizesse isso. Queríamos nos servir dele como modelo para tecermos também um lindo quadro. Se você puder emprestá-lo por mais esta noite, amanhã poderá levá-lo embora. Enquanto isso, você é nosso hóspede”, falou sorrindo a rainha. O rapaz parecia viver um sonho. As fadas o rodearam rindo e fizeram com que provasse o néctar e a Ambrósia, como convém aos imortais. Logo em seguida, continuaram seus trabalhos. Ficaram tecendo a tarde todo a tarde toda. Ao cair o crepúsculo, suspenderam no teto uma pérola que brilhava na noite, para poderem continuar tecendo até meia-noite. O rapaz estava esgotado de tantas emoções e adormeceu sem perceber. Enquanto isso, as fadinhas acabavam, uma após a outra, seu trabalho no tear, indo se deitar. Somente a mais jovem ficou acordada, aquela que tinha agradado o rapaz à primeira vista. Ela ficou olhando o quadro da mãe. Nenhuma fada tinha conseguido tecer um quadro tão lindo quando o da mãe. Nenhum riacho brilhava tanto quanto aquele que tinha sido tecido com suas lágrimas e nenhum sol queimava tanto quanto aquele o que fora tecido com as lágrimas de sangue dela. A jovem olhou o rapaz adormecido e teve uma idéia. Pegou um fio e bordou no quadro da mãe uma fadinha de vestido vermelho, em pé, perto do lago, olhando para os peixes vermelhos.

O rapaz acordou à meia noite. A sala estava vazia. Só havia lá o quadro tecido pela mãe. Ficou um pouco a admirá-lo e depois pensou: “Porque esperar até amanhã? Minha mãe está doente e seu estado piora a cada dia”. Enrolou, pois, o pano, colocou o caso, montou o cavalo e se pôs a caminho. Foi em vão que as ondas do mar lançaram nele os maiores blocos de gelo e que as chamas do vulcão tentassem engoli-lo. O rapaz não deu suspiro nenhum e, antes que pudesse se dar conta, estava na frente da casinha de pedra. A velhinha já estava espiando a sua chegada pela porta. “Estou feliz em vê-lo de volta, meu filho. Você é um rapaz bom e valente. Você conseguiu o que queria. Eu vou devolver-lhe seus dentes”. Retirou os dentes do cavalo e os reimplantou na boca do rapaz. No mesmo instante o cavalo virou pedra. “Pegue estas sandálias de pele de cervo”, disse ainda a boa

velha, “ao calçá-las, você retornará a sua casa no mesmo instante”. O rapaz agradeceu muito a boa velha pela sua ajuda, calçou as sandálias de pele de cervo e, sem saber como, foi parar na frente da casa onde tinha nascido. Uma vizinha aproximou-se ao vê-lo chegar. De cabeça baixa, disse a ele: “É bom que você tenha voltado. Ninguém sabe o que vai acontecer com a sua mãe. Não sai mais de casa, enxerga cada vez menos. Não sei, não sei...”. O rapaz entrou correndo em casa, gritando: “Olhe, mamãe, olhe logo!”. E mostrou o pano que tinha guardado debaixo de seu casaco. O quarto se iluminou todo quando ele desenrolou o brocado.

Quando a mãe percebeu que o filho tinha trazido seu quadro de volta, deu um grito de alegria. No mesmo instante, estava curada. Pulou fora da cama, surpresa ao ver as forças lhe voltarem. Olhou para o quadro e, de repente, estava enxergando muito bem. Depois, rogou ao filho: “Leve o quadro para fora, filho, para eu poder vê-lo melhor”. O filho levou o quadro até a luz exterior e o desenrolou. As cores brilhavam. De repente, houve uma ventania e o quadro foi se desenrolando mais longe, cada vez mais longe, até cobrir toda a paisagem em volta. Tão longe quanto se podia enxergar, viam-se campos de milho dourado, manadas de ovelhas, nuvens de pintinhos amarelos correndo por todo lado no meio de patinhos; um belo jardim, atravessado por um riacho e as mais linda flores. Das casinhas prateadas saíam agora os vizinhos, maravilhados, não acreditando no milagre. O filho pegou a mãe pela mão e a levou para o jardim. Foram devagar em direção ao lago, não se cansando de ver tantas maravilhas. De repente, o rapaz parou estupefato, o coração batendo a mil por hora. Perto do lago estava a fadinha miudinha de vestido vermelho a lhe sorrir. “De onde você vem?”, perguntou o rapaz. A mocinha se pôs a rir, piscando os olhos. “Eu me bordei no quando de sua mãe”, murmurou, “e você me trouxe junto. Já que o brocado tomou vida, meu lugar também é aqui”. A mãe a olhou feliz. “Temos agora uma grande casa e uma filha que me fazia falta”. A fada olhou para o rapaz, que se aproximou dela. “Você me aceita como esposo?”, perguntou baixinho. Ela respondeu que sim com um leve sinal de cabeça.

Houve uma grande festa de casamento. Além dos vizinhos, a mãe convidou os mendigos da região. Os irmãos maiores souberam de tudo. Já fazia muito tempo que haviam gasto todas as moedas de ouro e, como estavam acostumados a serem alimentados pelos outros, tornaram-se mendigos. Mas, quando chegaram na casa e viram as mudanças que ali ocorreram, tiveram vergonha de suas roupas esfarrapadas e preferiram não entrar. Foram embora, perdendo-se no mundo. O caçula, ao lado da mulher fada e da mãe, viveu feliz por muito tempo, numa região rica e ensolarada.

ANEXO B - O VENENO QUE SALVOU

Conto Chinês

Há muito tempo, uma moça chinesa chamada Shu Qi se casou e foi viver com o marido e a sogra. Depois de alguns dias, passou a não se entender com a sogra. As personalidades eram muito diferentes e Shu foi se irritando com as críticas que, freqüentemente, sofria.

Meses se passaram e as duas cada vez mais discutiam e brigavam. De acordo com uma antiga tradição chinesa, a nora tinha que se curvar à sogra e obedecê-la em tudo.

Shu Qi, não suportando mais, decidiu tomar uma atitude e foi visitar um amigo de seu pai, que a ouviu e, depois, com um pacote de ervas lhe disse:

- Vou lhe dar várias ervas que irão lentamente envenenar sua sogra. Você não poderá usá-las de uma só vez porque isso causaria desconfianças.

A cada dois dias, ponha um pouco destas ervas na comida dela. Agora, para ter certeza de que ninguém suspeitará de você quando ela morrer, você deve ter muito cuidado e agir de forma amigável.

Semanas se passaram e a cada dois dias, a jovem esposa servia a comida “especialmente tratada” à sua sogra. Ela sempre lembrava o que o Sr. Huang tinha recomendado e evitava suspeitas controlando o seu temperamento, obedecendo à sogra e tratando-a como se fosse sua própria mãe.

A moça tinha controlado o seu temperamento e quase nunca se aborrecia. Nestes seis meses não tinha tido nenhuma discussão com a sogra, que agora parecia mais amável e mais fácil de lidar. As atitudes da sogra também mudaram e elas passaram a tratar-se como mãe e filha.

Um dia Shu foi novamente procurar o Sr. Huang:

- Por favor, me ajude a evitar que o veneno mate minha sogra! Ela se transformou numa mulher agradável e eu a amo como se fosse minha mãe. Não quero que ela morra por causa do veneno que eu lhe dei.

O experiente chinês sorriu, e acenando com a cabeça, disse:

- Não precisa se preocupar, pois as ervas que eu dei eram vitaminas para melhorar a saúde dela. O veneno estava na sua mente e na sua atitude, mas foi jogado fora e substituído pelo amor que você passou a lhe oferecer.

Autor desconhecido, caso alguém tenha conhecimento favor informar.

ANEXO C - A MORTE E A VELHA

Ernani Ssó

Livro: Contos de morte morrida

Há muito tempo, quando os bichos falavam e o sertão ia virar mar, numa cidadezinha sem nome, uma velha passava os dias e as noites rezando. Ela tinha medo de morrer. A cada hora tinha mais medo. Rezava pedindo para continuar viva para sempre.

Um dia, num comício político, houve uma briga com faca, facão e espada. A Morte apareceu para levar várias pessoas. Mas, no meio da confusão, acabou perdendo a gadanha.

A velha achou a gadanha e a escondeu no porão, em casa.

- Agora ela não me leva – a velha pensou.

Mas a Morte sempre sabe onde está sua gadanha e naquela noite mesmo bateu na casa da velha.

- Vim buscar minha gadanha, senhora.

A velha tentou se fazer de desentendida:

- Gadanha? E eu sei lá de gadanha?!

- Sem minha gadanha, não morre mais ninguém.

- Pra mim está ótimo.

- Olhe, minha senhora, em poucos anos o mundo vai transbordar de gente. Não vai ser bom para ninguém.

A velha pensou um pouco.

- Eu devolvo, mas quero fazer um trato com você. Nunca me leve.

- Esse trato não posso fazer. Eu levo todos, cedo ou tarde.

- Então me leve o mais tarde possível.

Agora foi a Morte que ficou pensando.

- Mande construir uma igreja. Enquanto a igreja estiver de pé, a senhora continuará viva. Mas rápido, porque a senhora não tem muito tempo.

- Combinado – a velha disse.

- Outra coisa. Se a senhora se arrepender do trato, basta falar que eu a levo. Agora devolva minha gadanha, que tem gente me esperando.

A velha era muito rica. No outro dia mesmo mandou construir uma igreja de pedra, com alicerces mais fortes que os de um castelo, com paredes duplas. Como queria rapidez, pagou dobrado ao engenheiro e aos operários. Quando a igreja ficou pronta, sete meses depois, a velha não tinha mais unhas: roera até os dedos de nervosa. Mas aí ficou tão alegre que ria sozinha. Todos, na cidadezinha, pensavam que tinha enlouquecido.

Os anos foram passando e nada de a velha morrer. Também não cortou mais os cabelos – quanto mais longos, mais forte e jovem ela se sentia. Os cabelos cresceram tanto que logo davam pela cintura da velha.

A velha não morria, mas os conhecidos iam um atrás do outro. Primeiro morreram os amigos. Depois morreram os filhos. Depois os netos. Depois os bisnetos. Mas a velha continuava firme como a igreja – firme e cada vez mais cabeluda. Os cabelos logo davam pelos pés.

Então houve secas, houve enchentes, houve ventanias. Muita gente foi embora. Para falar a verdade, todo mundo foi embora. Ficou apenas a velha, com sua longa cabeleira, que arrastava pelo chão.

Com o tempo as casas caíram, podres ou comidas pelos cupins. A própria casa da velha mal se agüentava em pé. Apenas a igreja continuava firme. A igreja e a velha.

Mas a velha já parecia um fantasma. E sua cabeleira tinha uma ponta na cozinha enquanto a outra estava no quarto.

Sem nada pra fazer, a velha passava horas na janela olhando a igreja e se penteando. Os cabelos estavam mais longos que os da Rapunzel, mas totalmente brancos.

Quando se cansava, a velha ia até a igreja, caminhava em volta e batia nas paredes com a bengala.

- Não vai cair nunca – dizia.

Mas uma tarde deu um nervoso na velha. Depois de dar as bengaladas de sempre nas paredes, pôs-se aos gritos.

- Não vai cair nunca! Nunca! Nunca!

E chutou a igreja com tanta força que quase quebrou o pé. Então disse, choramingando:

- Por que um raio não racha está igreja ao meio?!

Nisso apareceu a Morte.

- Arrependida, vovó?

A velha levou aquele susto.

- Não, de jeito nenhum!

- Tem certeza, vovó? Se quiser desfazer o trato, é só falar.

- Não. Trato é trato. Eu só vou quando a igreja cair.

A Morte não disse nada, deu as costas à velha e se foi.

A velha voltou para casa, arrastando a cabeleira com dificuldade. Foi para a janela e lá continuou até de noitinha. Aí deu um suspiro:

- A Morte está certa, me arrependi desse trato.

A Morte apareceu de novo.

- Epa! – a velha gritou. – Não tão depressa!

- Depressa? Há trezentos anos que espero pela senhora.

- Parece que foi ontem.

- Parece? Olhe os seus cabelos. Não parecem cabelos de ontem.

- Estão bonitos, não estão?

- Ficariam melhores numa trança.

- Não tenho forças para isso.

- Deixe comigo – A Morte disse.

- Faça duas tranças. Era assim que mamãe fazia, quando eu era menina.

A morte então começou a trançar os cabelos da velha. Trançou bem devagarzinho, com todo o cuidado. A velha, se lembrando da mãe, adormeceu.

Quando as duas tranças ficaram prontas, a Morte a levou.

ANEXO D – FLORINDA E YORINGAL

Irmãos Grimm

Livro: Um tesouro de contos de Fadas

Havia uma vez um velho castelo no meio de uma enorme floresta escura, onde vivia uma velha completamente sozinha. Era uma bruxa. Durante o dia ela se transformava num gato ou numa coruja e, à noite, voltava a ser bruxa.

Usa de magia para atrair coelhos e pássaros, em seguida ela os cozinhava ou assava e os comia.

Além disso o castelo era rodeado de um poderoso feitiço. Se um homem chegasse a menos de cem passos, ficava incapaz de se mexer. Era forçada a ficar ali, como uma estátua, até que a bruxa decidisse libertá-lo. Mas se uma jovem se aproximasse, a bruxa a transformava num pássaro raro e a prendia numa gaiola. Ela tinha sete mil gaiolas no Castelo, todas com pássaros raros.

Perto da floresta vivia uma moça chamada Florinda. Ela era a moça mais bonita do mundo e estava noiva de um jovem muito atraente chamado Yoringal. Eles se amavam muito e iam se casar logo.

Um dia foram dar um passeio na floresta para poderem ficar um pouco sozinhos.

- Temos que tomar muito cuidado para não chegarmos perto demais do castelo, avisou Yoringal antes de sair.

No final da tarde, entretanto, houve uma mudança na floresta. O sol ainda brilhava por entre as árvores verdes e espessas, mas as rolas que viviam ali começaram a cantar uma canção triste que fez Florinda chorar.

Florinda e Yoringal ficaram apavorados. Eles estavam tão assustados, que pareciam que iam morrer. Mas não demorou muito para que percebessem que estavam perdidos.

Já era quase na hora do pôr-do-sol quando Yoringal olhou através dos arbustos e viu que estavam muito perto dos muros do castelo. Ele tremeu ao ver o castelo da bruxa.

Ele escutou Florinda cantar:

“Passarinho com um anel vermelho,

Cantando a mágoa! Mágoa! Mágoa!

Cantando a morte da pomba,

Cantando a mágoa...Pio! Pio! Pio!”

Diante dos seus olhos, Florinda transformou-se num rouxinol! Em seguida uma coruja com olhos arregalados, apareceu e voou três vezes ao redor dela, gritando, “UuuH! UuuH! UuuH!”

Yoringal então descobriu que não podia mexer-se nem sequer uma polegada. Ele estava como uma pedra, incapaz de gritar, falar ou mexer as mãos ou os pés.

O sol se pôs, e a coruja coou para um arbusto, e detrás das folhas escuras surgiu uma velha corcunda, rugosa e amarelada, com enormes olhos vermelhos e um longo nariz curvo. Ela resmungou alguma coisa, pegou o rouxinol na mão e levou-o embora. Yoringal não pôde fazer nada.

No início o jovem ficou desesperado, pensando que iria permanecer uma estátua para sempre, mas pouco depois a bruxa voltou e começou a cantarolar com uma voz sinistra. “Ó Zachiel! Quando a lua iluminar a gaiola, quebre o feitiço no momento certo, Zachiel.”

Então Yoringal ficou livre. Ele caiu de joelhos diante da velha bruxa e lhe implorou para que devolvesse sua noiva, Florinda. A bruxa respondeu, que ele nunca mais veria Florinda outra vez, e em seguida desapareceu.

- O que vai ser de mim? Suspirou Yoringal.

Ele então vagueou a noite toda, até chegar num vilarejo onde nunca antes tinha estado. Ali ele começou a trabalhar como pastar de ovelhas e trabalhou por muitos anos. Com frequência andava até o castelo, tomando cuidado para não chegar perto demais!

Uma noite, ele teve um sonho em que tinha achado uma flor vermelha no meio da qual havia uma pérola grande e bonita. No sonho, ele apanhava a flor e levava-a ao castelo. Tudo que tocava com a flor ficava livre do feitiço da bruxa, incluindo Florinda.

Quando acordou na manhã seguinte, Yoringal começou a procurar aquela flor por todos os lados. Procurou durante nove dias e, no nono dia bem cedo, ele a encontrou. No meio da flor havia uma gosta de orvalho, tão brilhante que parecia a pérola mais fina do mundo.

Cuidadosamente, ele pegou o mesmo caminho de volta ao castelo.

Mas desta vez o feitiço da bruxa não o afetou e ele conseguiu chegar até a porta. Yoringal ficou muito contente. Ele então tocou a porta com a flor e ela se abriu. Atravessou o pátio, e parou para escutar um gorjear e piar vindo da torre, logo não foi difícil adivinhar onde estavam presos os sete mil pássaros!

Quando a bruxa o viu ficou furiosa. O amaldiçoou e cuspiu veneno nele, mas não conseguia chegar a mais de dois passos dele. Ignorando-a, correu em direção às gaiolas dos pássaros. Como conseguiria encontrar a sua querida Florinda, no meio de tantas centenas de rouxinóis?

Com o canto dos olhos, Yoringal percebeu que a bruxa tinha apanhado uma gaiola e estava tentando escapar pelo portão. Ele então, deu um pulo na sua direção e tocou a gaiola com a flor. A bruxa imediatamente perdeu todo o seu poder e Florinda surgiu à sua frente, mais bonita do que nunca!

Com um grito de alegria ela atirou os braços ao redor do pescoço dele. E, juntos, transformaram todos os pássaros de volta em moças, e voltaram para casa, onde viveram felizes daí em diante.